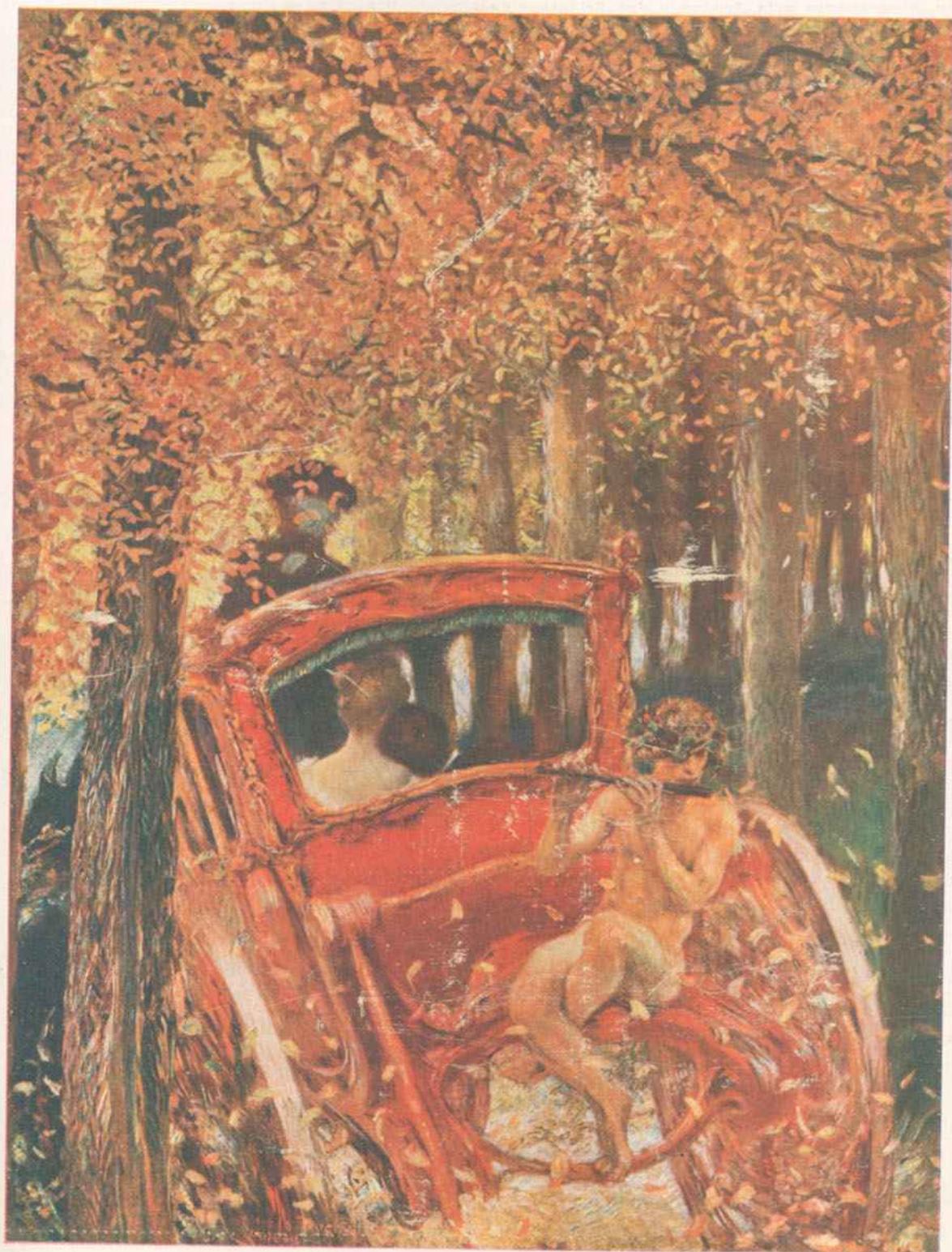


ILUSTRAÇÃO



OUTONO - (QUADRO DE GASTON LA TOUCHE)

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LEGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matijoux*. 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justiça*. 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FERIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRAN-
NICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Conselhos práticos
PARA CORTAR
UM VIDRO CIR-
CULAR DE DES-
PERTADOR

Colar, com cêra para moldes, um bocado de vidro sobre uma plataforma de buril; fixar este último ao torninho, sobre a plataforma horizontal, e conservar o diamante imóvel, fazendo mover o buril fixo. Este processo dá sempre resultado.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a
 Editor: Francisco Amaro
 Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Alegria, 100—Lisboa
PREÇOS DE ASSINATURA

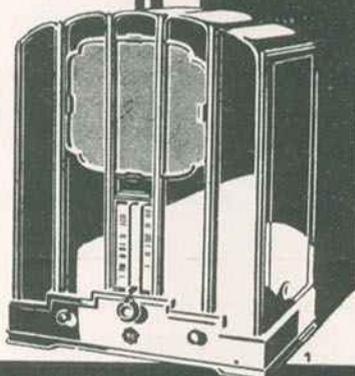
	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa
Visado pela Comissão de Censura



A
Auto Escala

indica a V. Ex.^{ma} a esta-
 ção que quer ouvir.
 Esta escala é uma das
 muitas novidades do



TELEFUNKEN
SUPER 650

Alem disso o aparelho contém:

- Regulação automática de Fading
- Separação automática de ondas
- Regulação automática de som
- Antena automática do sector
- Redutor automatico de ruidos



Representantes para Portugal e Colonias

LISBOA R. dos Fanqueiros 12/16 **AEG** PORTO R. Sá da Bandeira 215

PEDIMOS TAMBEM AOS SNRS. REVENDEDORES PARA SE DIRIGIREM AO ENDEREÇO ACIMA MENCIONADO. PROCURAMOS AGENTES ACTIVOS

Queiram preencher o talão abaixo e enviá-lo, sem o menor compromisso a:

SOCIEDADE LUZITANA DE ELECTRICID DE AEG
 LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 12-16, 3.º (Secção Rádio)

Quetram enviar-me, sem compromisso para mim, folhetos de.....

e peço uma demonstração do aparelho.

Nome

Morada

Localidade..... Telefone N.º.....



Embelezam, Rejuvenescem, Eternizam a mocidade! *Estojo com 7 amostras*
14\$00, pelo correio 15\$00 — Peça-os ao seu fornecedor ou directamente
 á Academia Scientifica de Beleza — Av. da Liberdade, 35 — LISBOA

Fóra com as dôres!
CAFIASPIRINA

livra de dôres
 e restabece
 o bem estar.



Este medicamento é realmente bom, antes de mais nada pela ausencia de efeitos secundarios!

Não prejudica o coração nem os rins!

NOVIDADE LITERARIA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

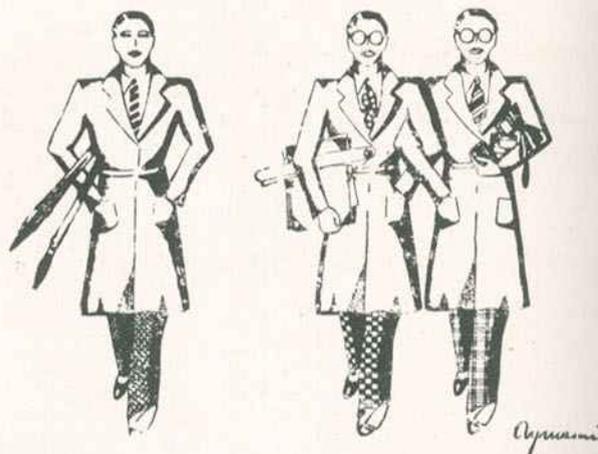
IMPORTANTE: — A partir de 1 de Janeiro de 1933 a HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, só será vendida em volumes.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE **BERTRAND**
21368 **IRMÃOS, L.** DA
TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

Acaba de sair

NOVA EDIÇÃO do curso de francês para o 1.º e 2.º anos dos liceus

LE PETIT ÉLÈVE DE FRANÇAIS

1 volume cartonado 8\$00

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos à Livraria Bertrand
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

O livro de cosinha de maior utilidade

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas
Esc. 25\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

A 2.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 Volume de 262 páginas
brochado Esc. 10\$00
encadernado » 14\$00

PEDIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

História Universal

do grande historiador alemão

GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e seguidamente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais científica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres, representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc. Impressa em esplêndido papel, *hors-textes* em papel *couché*, in-4.^o - Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume

Já publicados

109 tomos - 19 volumes

Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se, a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

A terminar brevemente a publicação.

Cada volume, encadernado	65\$00
Cada tomo, brochado	8\$00
Encadernação por cada volume	25\$00
Capas para a encadernação	15\$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Antologia Portuguesa

Verdadeiro tesouro da língua portuguesa, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos os melhores prosadores e poetas portugueses, antigos, modernos e contemporâneos

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo

Dr. Agostinho de Campos

Volumes já publicados:

Afonso Lopes Vieira (1 vol.)
Alexandre Herculano (1 vol.)
Antero de Figueiredo (1 vol.)
Augusto Gil (1 vol.)
Camões lírico (4 vols.)
Eça de Queirós (2 vols.)
Fernão Lopes (3 vols.)
Frei Luís de Sousa (1 vol.)
Guerra Junqueiro (1 vol.)
João de Barros (1 vol.)
Lucena (2 vols.)
Manuel Bernardes (2 vols.)
Paladinos da linguagem (3 vols.)
Trancoso (1 vol.)

Estes volumes são do formato de 12x19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. 16\$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR

AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. - *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA

Telefone 2 2074

FÁBRICA DE LOIÇA DE SACAVEM

FUNDADA EM 1850

*A Maior Fábrica de Cerâmica
Fina da Península*

Tem os **serviços de jantar** e **serviços de chá** mais baratos para uso diário. A loiça de faiança é a mais resistente — portanto, a mais económica — **Loiça sanitária** — O fabrico e o aspecto desta loiça honram a indústria nacional.

Azulejos Brancos e de Côr

Mosaicos cerâmicos — Nenhum outro pavimento é tão próprio e conveniente para as casas de banho, cozinhas, retretes, «halls», terraços, edifícios públicos, hospitais, etc., etc.

Inexcedíveis em beleza, resistência e higiene

LISBOA

PORTO

126 a 132, R. da Prata | 40, R. das Carmelitas

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pag., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

75, RUA GARRETT, 75

LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERÁPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de água termal,
Banhos de água do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72



O "Sal de Fructa Eno", consagrado por sessenta anos de verdadeiros sucessos em todo o mundo, é o remédio mais eficaz para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo. De preparação salina efervescente, exempto de sal mineral purgativo, o "Eno" tem uma acção branda e suave, podendo-se tomar em todas as idades e em todas as estações do ano.

Uma colher, das de café, num copo de água, pela manhã e á noite.

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"
Depositarios em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C^a, LTD.
8, Caes do Sodré, LISBOA.

O NOVO MINISTRO DA FRANÇA E A TRADICIONAL AMIZADE FRANCO-PORTUGUESA

TOMOU recentemente posse do seu alto cargo o novo ministro da República Francesa junto do Governo Português, sr. Jessé-Curely.

O substituto do sr. Eugène Pralon, que com tanta distinção representára no nosso País a nobre Nação francesa, é, como o seu antecessor, um diplomata distintíssimo, espírito de superior cultura e de notável elegância, um dos maiores valores que ilustram a carreira e que o Quai-d'Orsay escolheu, na intenção de manter em Lisboa as tradições brilhantes da representação diplomática francesa.

Portugal — inútil acentuá-lo, tantas vezes tem sido dito já — nutre pela França sentimentos de profunda simpatia e de sincera admiração, que não provêm apenas de razões étnicas e históricas, mas que constituem a expressão de afinidades estreitas entre as duas mentalidades e entre as duas culturas, nas quais se reflecte o esplendor imortal da latinidade. Ninguém ignora a influência que a ciência, a literatura e a arte francesas têm exercido e exercem ainda na vida mental portuguesa; são de todos conhecidas as relações que, desde a Renascença, têm mantido, no domínio cultural, as duas nações latinas, relações tão gloriosas e tão íntimas, que um português, o grande André de Gouvêa, foi mestre de Montaigne, e que a outros dois compatriotas nossos reservou o destino, no século XVI, a honra de ser proclama-

dos reitores da Universidade de Paris — então o cérebro do mundo. Por sobre a Espanha, injustamente igno-



Jessé-Curely
no. o ministro da França em Portugal

rada pela grande maioria dos intelectuais portugueses, a França e Portugal dão-se afectuosamente as mãos, tão próximos pelo espírito como se os unisse uma fronteira comum.

Não apenas os interesses culturais, mas também os interesses económicos e os laços políticos aproximam as duas nações irmãs e amigas. Entendimentos de ordem comercial, quanto possível estreitos, abriram o caminho para um mais perfeito ajustamento das nossas possibilidades económicas. As vicissitudes da Grande Guerra, levando-nos a derramar o nosso sangue na terra heroica da França — flôr da latinidade — contribuíam para que as relações políticas entre as duas chancelarias sejam hoje, talvez mais do que nunca, cor-deais. Tanto com a acção inteligente dos vivos, a memória dos mortos portugueses, que povoam os cemitérios brancos de La Couture e de Armentières, une as duas pátrias na consciência dos mesmos destinos e no ritmo do mesmo sentimento.

Têm ocupado o posto de Lisboa, repetimos, figuras de superior relevo na diplomacia e nas letras francesas, como Saint René Taillandier e Charles Eudes Bonin, este último, orientalista distintíssimo, eleito sócio correspondente estrangeiro da Academia das Ciências de Lisboa. O novo ministro, sr. Jessé-Curely, a quem a *Ilustração* apresenta os seus cumprimentos de boas vindas, diplomata não menos ilustre, intelectual de elevada cultura, amigo sincero do nosso país, vai decerto, pela sua acção profícua e excelentemente orientada, contribuir para que ainda mais se estreite a tradicional amizade franco-portuguesa.

Vindimas! Vindimas!



MARIETTE. — Um convite inesperado levou-me a percorrer Portugal em automóvel, quando já tinha reservadas camas para o Norte.

Demos primeiro a volta de Sintra-Estoria. Como as varzeas de Colares conseguem encher o mundo com o seu vinho! Logo me lembra o milagre das bodas de Canná...

Vimos de passagem, no Estoril, as nossas *divettes* vestidas (?) para o banho, e seguidas de dúzias de admiradores exultantes.

À tarde, tomámos o caminho do Ribatejo, onde os cachos brilham, sob as folhas protectoras, nos largos vinhedos. Já passámos Bucelas — a dos vinhos loiros — Torres Vedras — de vinhos escuros.

Atravessamos Torres Novas, parámos em Tomar, percorremos os campos da Beira Baixa, as margens do Dão, cobertas de vinhas fortes e férteis.

Descansámos em Coimbra, para logo a seguir correr toda a região da Bairrada protegida pela alta serra do Bussaco.

E depois da Bairrada de "clarete", alegre, fomos até Oliveira de Azemeis, subimos até Arouca, vila esquecida entre conventos, descemos a Amarante, onde o vinho enforcado, cantado por Camilo, é mais verde do que a própria esperança, passámos o Marão sob uma tempestade, parámos na Régua, para continuarmos até Lamego, onde o vento deitára por terra, parte da colheita prometida e bela.

Lembra-se, Mariette, daquela tarde em *Vintimiglia*, à beira do lago banal como um cromo de família? Era à hora do aperitivo, e o *maitre d'hotel* dizia-nos, solícito:

— *Porto? Blanc? Rouge?*

E, ante o nosso sorriso, acrescentou, familiar e fleumático:

— *Vous êtes peut-être espagnol?*

A sua gargalhada, Mariette, foi tão clara que quebrou o ritmo do jazz. Lembro-me desse dia, agora que atravessamos as serras brandas, cobertas de vinhas baixas, as vinhas donde se formará o nectar precioso, vendido nos "Palaces", sob formas diversas e cores diferentes!

Margens do Douro. Monotonas e lindas, que, no outono se fingem de vermelho violento, como se a própria terra chorrasse sangue ao vêr a sua riqueza arrancada por mãos indiferentes, misturada a vinhos estranhos, vendida a mercenários com nomes exquisitos e pomposos.

Ah! se o nosso automóvel não tivesse a T. S. F., um *bar*, e objectos inverosímeis de *toilette* que Luciana transporta para o seu quarto, à noite, e que a fazem reaparecer de manhã, rejuvenescida e loira, se não ouvíssemos no alto do Marão o "Danubio azul", nas Varzeas da Bairrada o último "Fox", e se um tango languido não acompanhasse as admiráveis curvas do Douro, poderia contar-lhe mais detalhadamente as minhas impressões sobre Portugal vinhateiro e belo.

Agora em Beirós soceguei. Há em volta das adegas de granito, uma azáfama quase silenciosa.

Lavam-se os lagares, batem-se os toneis, navegam nos tanques os cestos vindimeiros, com profundo terror das inocentes rãs.

É certo, Mariette, que já no Sul se vindima. Breve começará a faina aqui.

À beira dos campos as vinhas fortes sobem com os castanheiros, e de arvore para arvore esfendem os braços em grinaldas, donde pendem os cachos já rosados e translucidos como joias preciosas.

Tem assistido a uma *première* de Opera sensacional?

O regente, batuta erguida, olha para a direita, para a esquerda, numa atitude de suprema atenção.

E o público cala-se, na expectativa dos primeiros acordes.



Cai sobre a sala um silencio solene. Subitamente, o "maestro" agita o braço direito, abaixa a mão esquerda — e a harmonia invade a sala.

Lembra-me que estamos nesse momento grave. Também nos campos se abafaram os mil ruidos da natureza. Espera-se — as vindimas!

Nesse dia abençoado, cantam as raparigas que sóbem as encostas, pés nus, mãos segurando alto os cestos transbordantes d'uvas. Cantam os homens no cimo das árvores, despojando as videiras magnificas. Cantam os carros de bois, num gemido claro, cantam as rabéças, as violas, tocam os bombos, tilintam os ferrinhos, estalam as castanholas. Cantam as fontes, canta o vento nos pinheiros esguios.

Vindimas!

Corre-nos pelos braços o sumo das uvas. Ha cachos cor de ambar, rosados, negros, dum róxo aveludado, e escuro.

Tenho vontade de gritar — Eh! ergam o pano! Já os cachos pendem em grinalda, supremo milagre! dos castanheiros, carregados de ouriços... Na volta da estrada devem estar a aparecer os tocadores. O sol ergueu se detraz do Marão. Nem a mais leve brisa agita as tilias, e na magnolia grande, as flores aninham-se como pombas brancas perfumadas. As borboletas vão de flôr em flôr, como pétalas espalhadas do azul, por uma feiticeira invisível.

Abro os braços, aspiro mais fundo o ar embalsamado de limonete, rosmãinho, serpão.

Todos a póstos! Começa o côro das raparigas — subindo, como os perfumes, como os gritos dos rapazes, como tudo à nossa volta, para o azul, lá em cima.

Começa a harmonia grandiosa, orquestrada por toda a Natureza.

Raparigas — Eh! Lá vai! Lá vai! E' mais um cesto que se encheu — Mais um rancho que passa — braços erguidos, pés nus, a caminho dos lagares...

Começou a vindima.

CLARINHA.

A C T U A L I D A D E S



A data de 11 de Novembro—já lá vão 14 anos—não pode ser esquecida pelos que se bateram na grande guerra. Marcou o final da luta sangrenta que envolveu a

Europa. Os países aliados marcaram esse dia, como o de homenagem aos que perderam a vida, em prol da sua Pátria. Em Lisboa houve comemorações. O aniversário do Armistício foi assinalado com uma parada militar e um cortejo civil—dos antigos combatentes. O desfile junto do Monumento aos Mortos da Guerra foi impressionante. Ao lado da modernidade actual, que pouco conhece da guerra, passou em continência o cortejo dos mutilados...

Em frente do monumento alinharam, com as respectivas bandeiras, contingentes do Exército, Marinha, G. N. R., Guarda Fiscal e Polícia, ao lado dos alunos das Escolas Militar, Naval e da Guerra e Pupilos do Exército. A Liga dos Combatentes tinha também, junto do monumento, a sua bandeira, empunhada pelo combatente Jorge de Sousa, que vestia a paisana e ostentava as fitas indicativas

de dezoito condecorações que possui, entre elas, a Legião de Honra. Junto da bandeira perfilavam-se, ambos também com as suas numerosas medalhas, os antigos combatentes Pedro

Salvador, da Cruz Vermelha, e José Correia, da Marinha. A rodear o pedestal viam-se armas ensarilhadas e lindos maciços de plantas.

Iniciou-se, em seguida, a largada de mil e trezentos pombos, o cortejo, precedido por um esquadrão de cavalaria da G. N. R. Seguiram-se, empunhando muitos deles ramos de flores que depuseram no pedestal do monumento, os alunos de centenas de escolas primárias, oficiais e particulares; Instituto do Professorado, Escola do Magistério, Asilos José Estevam e de Santa Catarina, Casa Pia, Asilo Maria Pia, Albergue dos Invalidos do Trabalho, Asilo Nun'Alvares, alunos de vários estabelecimentos de ensino secundário e superior, do Conservatório Nacional de Teatro, Instituto Feminino de Odivelas, cujas educandas fizeram a continência ao monumento estendendo o braço direito; escoteiros, representantes de diversas agremiações, muitas delas com os respectivos estandartes, etc.

Depois, os antigos combatentes mutilados, passaram em taxi,



No hall do Casino Estoril realizou-se, há dias, uma interessante Exposição de Crisântemos. O júri de classificação conferiu os seguintes prémios: Flores cortadas—1.º prémio: Câmara Municipal de Lisboa e 2.º prémio: António Herédia.— Flores em vaso: 1.º prémio: Sociedade Propaganda da Costa do Sol e 2.º prémio: Estação de S. João do Estoril

SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS

DEVEMOS desconfiar dos que se dizem desinteressados. É preciso saber que interesse teem eles em que os acreditemos.

LEIO em La Rochefoucauld: "Sómente os grandes homens podem ter grandes defeitos."

Meu amor: Eu não te disse!

O mesmo pensamento em França e em Portugal. Em La Rochefoucauld e em Silva Pinto. Em 1665 e em 1910.

"No geral dos homens, gratidão é o íntimo desejo de receber maiores benefícios." (De La Rochefoucauld).

"Pessoas gratas? São as que esperam mais. (De Silva Pinto).

É possível que Silva Pinto não tivesse lido La Rochefoucauld, mas podemos assegurar que La Rochefoucauld nunca leu Silva Pinto. São de todos os países, de todos os tempos, de todos os escriptores. Porque a gente o topa todos os dias.

NÃO me peças sinceridade. Não vês que te amo tanto!

VAUVENARGUES escreveu que "a prosperidade cria poucos amigos." Não é verdade. A prosperidade cria muitos amigos. O defeito deles é que só duram emquanto ela dura.

ESBOÇO de uma carta gastronómica de Portugal:

Nas *aguas*: Luso, Cintra, Lombadas, Pedras Salgadas, Vidago, Moura, Castelo de Vide, Monte Banzão, Vale de Cavalos, Curia, Gerez, Caneças; nas *carnes*: Presunto de Chaves, Lamego e Melgaço, Alheiras de Bragança, Paio de Arraiolos, Chouriço de Aldegalega, Portalegre e Castelo de Vide, Peixe e Crustaceos: Sardinhãs de Espinho, Atum do Algarve, Bacalhau de Viana, Lampreia de Caminha e Coimbra, Ostras do Montijo, Lagostas de Peniche, Mexilhão de Aveiro, Salmonete de Setubal; Queijos: de Tomar, da Serra, do Alentejo, de Azeitão. Frutas: Pecegos de Colares, Laranja de Setubal, Figo do Algarve, Melões de Palha Branco, Alfarroba do Algarve, Peras do Fundão. Diversos: Manteiga de Cintra e Avanca, Sal de Aveiro, Azeite de Santarem; Vinhos do Porto, Verdes: de Athey, Amaranite, Lafões, Arouca, Mondim de Basto, Moscatel de Setubal, Espumoso de Lamego e Anadia, de mesa de Colares,

Serra de Aires, Azenhas do Mar, do Dão, de Torres Vedras, do Cartaxo e da Bairrada.

De dôces nem é bom falar. Ha tantos que a sua enumeração encheria colúnas. Cavacas das Caldas e de Rezende, Arrufadas e Manjar branco de Coimbra, Pasteis de Tentugal, Queijadas de Cintra, Palitos de Oeiras, Pasteis de Santa Clara, Marmelada e esquecidos de Odívelas, Murcelas de Arouca, Ovos moles de Aveiro, Fruta coberta de Elvas, Pão de ló de Margaride e Rezende; Torta de Viana, Pão de ló celeste de Ovar, Aletria de Abrantes, Pasteis de feijão de Torres Vedras, Massapão de Portalegre, Tigelinhas de Santo Tirso, Morgados e D. Rodrigues do Algarve, Bôlo pôdre de Evora, Folar de Bragança, Bôlos de amôr de Lamego, Biscoitos de Valongo, Pão pôdre de Penafiel, Castanhas de amêndoa Rebuçados de Pesqueira, Trouxas de Mértola, Suspiros de Loulé, Morgados de Beja, etc.

Um mundo de bons produtos, bons pitheus e guloseimas.

AINDA de Vauvenargues: "Os grandes filósofos são o génio da razão". E, porque não serão a razão do génio?

FOI La Rochefoucauld quem escreveu: "Poucas mulheres há, honestas, que não estejam fartas do seu officio". Palavras cínicas com quem ninguem se zangou e que já tem alguns séculos de existência.

Às vezes ler os poetas faz bem. Abro Buhlão Pato e fico-me a pensar sem lhe saber responder:

*Sempre coisas misteriosas
Mas mais triviais verdades!
Porque são joviais as rosas,
E tão tristes as saudades?*

Porque?

UMA onda de crimes inunda Lisboa. Porquê? Talvez porque a vida humana não mereça respeito individual.

Foi o que nos legou a guerra, fornecedora da morte por grosso e a retalho.

OS restos mortais de Eça de Queiroz, diz-se que vão ser transportados para o pé dos seus antepassados, para o pequeno cemitério de Verdemilho, a dois quilómetros de Aveiro. Está bem. É consolador saber que depois da morte a gente repousará perto das pessoas que adorou em vida. E é justo que o pequenino cemitério tenha o seu grande homem como motivo de peregrinação para seu orgulho.

DIZ Olavo Bilac:

*«Há numa vida humana cem mil vidas,
Cabem num coração cem mil pecados!»*

Há, é verdade. Mas quanta dôr essas sem mil vidas não vivem e quanto não custam a resgatar êsses pecados todos?

UM bêbado que se lamentava da fuga da miseravel que vivia com êle, farta de lhe aturar as pancadas e os ralhos dizia que ela era uma ingrata. Naturalmente não era, mas o seu soliloquio fez-me evocar o pescador do *Cañas y barro* de Blasco Ibanez, que: todas as suas comparações eram feitas com os pássaros da Albufeira. "As fêmeas!... Má peste! eram os seres mais ingratos e esquecidos da criação. Não havia mais a ver que os pobres *collerto* do lago. Andam sempre em companhia da fêmea e sem ela não sabem vir á busca da comida. O caçador dá um tiro. Se a fêmea cai morta, em vez de se escapar, o pobre malho põe-se a voar em volta do sítio onde ficou a companhia, até que o atirador acabe também com êle. Mas se cai o pobre malho, a fêmea continua voando tão fresca e sem voltar a cabeça para traz, como se nada se tivesse passado, e ao notar a falta do companheiro, busca outro... Cristo!"

O Amor! A maior parte das vezes é outra droga. Como o vinho do Porto aparece bastantes vezes falsificado. Mas parece que se vai instituir um tribunal de repressão.

Toma cautela, meu Amor, que são capazes de te fechar a loja...

Albino Forjaz de Sampaio



AS MEMÓRIAS DA DUQUEZA DE ABRANTES

Um drama de amor

«*Se o elogio em boca própria é vilupério*» como no-lo afirmam dogmáticamente os venerandos códices da Sabedoria das Nações, ou a formosa Madame Junot desconhecida o preceito cominatório, ou preferiu agüentar-lhe a rude sanção e não deixar seus créditos por mãos alheias.

Nos dezassete compactos volumes das suas Memórias que paciente, curiosa e compenetradamente percorri, na aspiração de encontrar nelas netas íntimas, originais, sobre a cõrte de Napoleão, pouquíssimos episódios interessantes se aproveitam, entre a opulenta seara de egotismos orgulhosos, onde se espanceja, com ares de púdica modéstia, a galantíssima Laura Permont.

Depois de declarar-nos que as almas de seu marido e a sua, estavam de tal modo ligadas, que formavam uma só — apesar das afirmações maledicentes contemporâneas da dona, não há o direito de dúvida, perante afirmação tão perentória — natural era que a Duqueza de Abrantes nos referisse, com a pormenorização encantadora, usada pelas memorialistas, certos aspectos da vida íntima do grande guerreiro que Junot conhecia, como nenhuma outra pessoa. O que nos esmiúça, enredado sempre nas rendas finas dos seus próprios méritos, pouco excede os *raccontos* dos cronistas banais. Aproveitáveis só respigos ligeiros colhidos aqui e além, em apurado rebusco.

Flores de subtil aroma sentimental que formam o substratum das memórias femininas, encontrei uma capaz de interessar a alma amorosa das portuguesas e coitadita desgarrada, na árida charneca duma sensibilidade esquiva de escritora.

Vou trasladá-la, às páginas elegantes da *Ilustração*, sem arretuques literários, mas com a devota piedade e o brando carinho, devidos às que *morrem de amor*.

— Margarida, por alcunha familiar a *Chapotte*, criada particular da Duqueza de Abrantes, era uma excelente rapariga, esculturalmente bem feita, desfavorecida pelo rôsto sem beleza. Inteligente, virtuosa, sabia lêr, escrever e contar — prenda raríssima, nessa época, em pessoas da sua condição — e desempenhava a primor, as complicadas e exigentíssimas obrigações do seu cargo.

O picador de Junot — Henri Chapelle, apolíneo Don Juan, encartado em malas-artes de sedução e com legítimas prosápias intelectuais, porque, além da língua própria, falava português, espanhol, italiano, alemão e conhecia geograficamente a maior parte da Europa — ao contrário de muitos sábios franceses dos nossos tempos e conhecimentos — começou em Paris, sem resultados apreciáveis, a fingir-se enamorado da Margarida.

Junot e Madame veem para Portugal acompanhados dos seus fiéis criados.

O que, sob o céu icterico de Paris, era murcho e desbotado, principia a desabrochar, a sorrir, a colorir-se, sob a dalmática azul e luminosa do céu lisboeta. A doçura voluptuosa do ar, os feitiços sensuais do sol, a cumplicidade pagã do ambiente entram na conspiração, a favor das pretensões do picador. Margarida amou.

Em serviço secreto de Junot, Henri é obrigado

a atravessar os Pirineus. E tanto se demora que Margarida, na suposição de que elle fôra assassinado, não pode ocultar a sua aflicção, ao olhar experiente da Duqueza.

Conquanto revoltada contra os malefícios e nefasta influência dos romances, aos quais Madame integralmente atribui a paixão da sua aia, a Duqueza comove-se com os transportes daquela dôr sincera e tenta arrancar a Junot o consentimento para casar Henri e Margarida, sem mesmo consultar o pretendente. O Duque de Abrantes opõe-se formalmente.

No seu regresso, Henri sabe quanto é amado e delira de prazer.

Os Duques, seguidos da aia e do picador, partem em curta vilegiatura para o *Eden Glorioso*, a retemperar forças. Durante tres noites, na Sintra paradisíaca, Henri, adivinho diabólico da estratégia lusitana para amolentar resistências femininas, inventa serenatas trovadorescas, canta suavíssimos amávios de requesto, à incauta Margarida. Convida-a e leva-a, pelo seu braço robusto, aos penhascos embruxados da Penha-Verde, em passeios românticos, ao abrigo das umbélas complacêntes do arvoredo iluminados pelos reverberos argênteos do luar.

A moça ama apaixonadamente, mas aspira ao casamento. Não cede.

A metade da alma da Duqueza é obrigada a dirigir-se a Austerlitz, à ordem do imperador. Parte, acolitada pelo Henri. Margarida fica entregue às sugestivas emoções da saudade, mais nocivas ao coração das mulheres, do que as serenatas capitosas e os passeios de sonho, em noites luarentas.

A correspondência ardente e enlouquece-



General Junot

(Quadro do barão Gerard)

Laura de Saint-Permon Junot, duqueza de Abrantes
(Desenho de Baillly)

dôra, completa a trama na rede de sedução. No regresso de Henri, Margarida sucumbe e cai nas garras ávidas do picador.

Madame Junot, já com a sua aia na casa de Paris, descobre, após uma cena confrangedora, que a pobre rapariga está próxima da maternidade. Tenta obrigar o culpado, ao cumprimento do dever urgente e chama o Duque em seu auxílio.

Junot nunca perdera mulher alguma, embora não guardasse respeito ao repouso dos maridos, porque a falta é diferente — afirma-nos benévola, elucidativa e puritana a senhora Duqueza. Por isso, indigna-se, acede agora ao pedido de sua mulher e impõe ao Henri o casamento, oferecendo-lhe dote e protecção.

Chega a hora suprema. Margarida entregue aos cuidados duma *sage-femme*, aperta extasiada nos seus braços enternecidos o fruto rechonchudinho do seu amor. Manda comunicar a nova feliz ao pai do seu menino e espera, radiante de esperança, a visita do bem-amado.

Ao vê-lo entrar, os seus olhos resplandecem de amor. Levanta do berço o pequenino e apresenta-o:

«Henri, o nosso filhinho! Como é lindo!»

Com o ar despreciando de quem se vê forçado a assistir a um espectáculo ridículo, o monstro afasta o filho e declara em voz crispada de rancores:

«Não te posso vêr, nem ao teu filho! Gosto doutra! Se me obrigarem a casar contigo, chorarás lagrimas de sangue... Se quizeres ser prudente, tomo conta do petiz. E dou-te o dote, oferecido por nossos amos, ao declarares-lhes que és tu quem não queres o casamento.»

A infeliz não pôde ouvir mais. A criancinha rola desamparada, dos braços maternos ao sobrado.

A parteira acode, grita por socorro. Margarida expira n'uma convulsão.

*
*
*

E, precisamente um ano sobre a morte de Margarida, o desleal trovador de Sintra vai dar contas a Deus.

Emília de Sousa Costa.

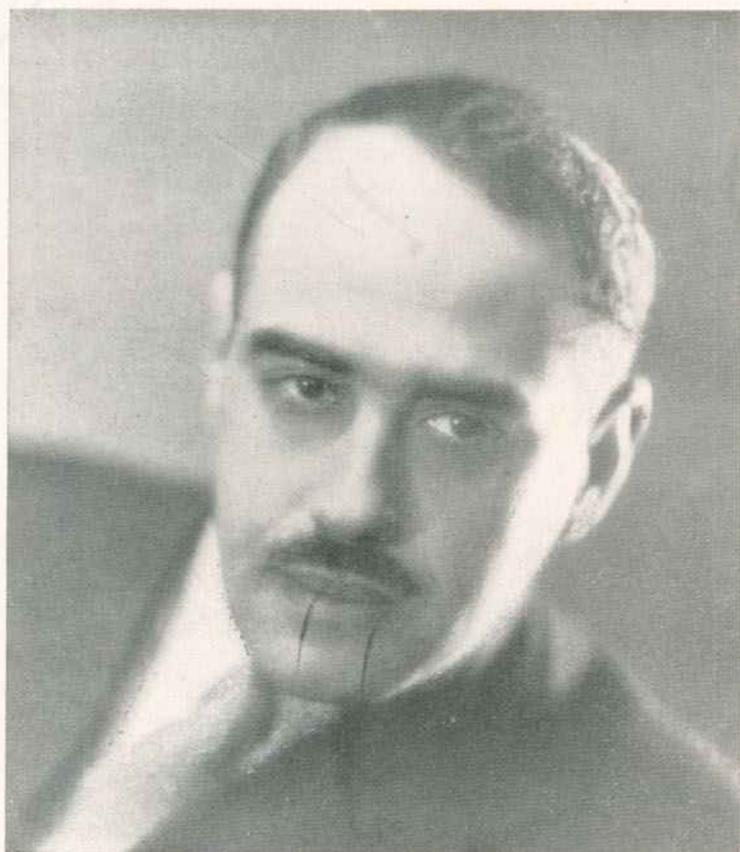
SE há temperamento, cuja generalidade e cuja amplitude mereçam o qualificativo de europeu, é certamente o de Leitão de Barros, simultaneamente pintor de arte, jornalista, desenhador, cineasta e director do jornal *Notícias Ilustrado*. Na inquietude, no desejo de querer dominar a vida contemporânea, no que ela tem de mais vibratil e de mais intenso, Leitão de Barros conseguiu na indiferença do nosso meio marcar um tipo inconfundível de lutador e de creador de energia, querendo abrir novos horisontes para a rara, para a invejável situação e responsabilidade de Portugal perante a Europa e o mundo inteiro, de último país do Ocidente. Foi por querer dentro duma bela voluntariedade renovar a psicologia e a inercia do meio que eu considero Leitão de Barros como uma das figuras da geração nova mais simbólicas e mais expressivas de personalidade. Na indomita vontade de este realizador de energia, no *struggle-for-life* deste cérebro aberto a todos os renovos e a todas as modalidades sociais da arte contemporânea, este artista revelou-se um temperamento bastante individual, portanto com uma definida personalidade, o que em arte é hoje condição primordial para fixar um nome e a responsabilidade conjuncta de uma obra.

Leitão de Barros, espírito e temperamento *hors-ligne*, a par de ser um aguarelista bastante pessoal tendo colaborado com alguns recantos dos bairros velhos e curiosos de Lisboa em *La Esfera*, em reproduções perfeitíssimas do nosso ambiente e da nossa alma popular, lança a ideia inteligente do cinema em Portugal, realiza a «Maria do Mar» e «A Severa», lança uma companhia cinematográfica que será a «europeização» e a universalização da nossa paisagem e dos nossos costumes e funda um jornal que se pode chamar o *Vu lisboeta*, o *Notícias Ilustrado*, revelando os acontecimentos da semana pelos mais modernos processos de ocogravura.

Querendo dar a Lisboa ambiente local e ao mesmo tempo o arranjo minucioso de alguns detalhes de urbanismo inteligente e imediato, sonha a comercialização, o mostruário vibratil do Terreiro do Paço, à semelhança do que fizeram algumas cidades italianas, e professor de desenho, publica um trabalho de divulgação da arte clássica até hoje, que é um modelo didático de bom gosto e de «expertise» pessoal. O cinema, é hoje, um derivativo de todas as belas-artistas. Nesta arte estão fundidas todas as ou-

LEITÃO DE BARROS REALIZADOR DE ENERGIA

tras. A pintura, a arquitetura, a literatura, a música e a escultura fundiram-se na arte-síntese, na arte conjuncta do cinema. A máscara humana, todos os conflitos psicológicos da estática e dinâmica da fisionomia, a vertigem e o sortilégio de todas as paisagens e continentes, têm no cinema uma expressão absolutamente intérprete. No que diz respeito ao nosso país, Leitão de Barros, procura e procurou sempre colocar Portugal na vanguarda ou pelo menos



Leitão de Barros

no acompanhamento, no seguimento inteligente do que se faz lá fóra. Toda a sua atitude tem sido este programa. Por esta razão devemos considera-lo um creador de energia, um espírito amplamente capaz de somar, de adicionar energias, para um fim, ou para uma aspiração comuns.

A quando da inauguração dos nossos pavilhões da Exposição Colonial de Vincennes, que tanto e tão nobremente honraram o Portugal descobridor e colonizador, Leitão de Barros trouxe até nós com um documentário de Salazar Dinís, o que foi a grandeza da nossa participação nesse certame e revelou aos portugueses que não puderam sair do seu país, o passado ano, o que cons-

tituiu para o orgulho da raça, a nossa representação na Exposição de Paris.

Adentro das artes gráficas Leitão de Barros com o moderno processo da ocogravura, conseguiu divulgar em moldes moderníssimos os nossos homens de desporto, os nossos escritores, as nossas figuras representativas, além de acontecimentos nacionais e europeus, e sobretudo divulgando a nossa paisagem e os tipos tão portugueses e tão puros dos nossos homens do campo, da montanha e do mar — esse verdadeiro triptico da raça.

Todas as energias deste cineasta, discípulo lusitano dum Jacques Copeau e dum René Clair, que fez com *A Severa* a mais nobre e desapaixonada propaganda da nossa lande ribatejana e dum dos mais curiosos e expressivos aspectos do nosso «folk-lore» e da nossa indumentária provincial e rural, se fixavam, ultimamente, na criação duma companhia de cinema nacional.

Já que o Estado não tem reconhecido em Leitão de Barros, o que ele é e o que ele representa na geração de hoje, naquilo a que os franceses chamam inteligentemente, «la génération montante» sabemos nós, ao menos, os seus camaradas de geração, a caminho dos quarenta anos, prestar-lhe ampla homenagem e uma justa e nobre reparação às suas múltiplas qualidades.

Na hora-vertigem, na hora-instincto, que tão perturbadoramente decoram o cenário moral, onde o homem moderno representa o drama pirandelliano da sua acção, Leitão de Barros, é um tipo inconfundível de lutador. No seu desejo de renovo, passam nobres atitudes de energia e o sonho inextinguível de dar à sua geração, à geração nova, horisontes europeus e cenários bem dignos da hora que passa. Portugal começa a viver a inquietude, o sonho vibratil da hora que decorre, da hora em que o mundo segue a sua marcha ascensional, o desejo sem fim de esquecer o passado e olhar apenas para o futuro. Só quem segue a vida, esquecido do que foi e já não volve, atinge e compreende, o triunfo perturbador de ser coerente com a própria existência. No dia, pois, em que Portugal acompanhar o ritmo vertiginoso da hora-século XX, o nome de Leitão de Barros ficará como um precursor, como um inconfundível renovador do bom gosto e absolutamente coerente com a própria hora que estamos vivendo.

A escritora Gabrielle Réval prepara uma obra sobre o Marquês de Pombal

Há nove anos, uma escritora consagrada e conferencista de destaque no meio literário francês, tentada pela beleza do céu e pelo encanto da paisagem portuguesa, veio de longada até ao nosso país filmar, com um grupo de compatriotas, um romance de assunto nacional anteriormente escrito por ela sobre impressões colhidas numa precedente viagem, e que se intitulava "A Fonte dos Amores". Era, romantizada, a vida dos estudantes de Coimbra, a aventura de uma artista francesa que se prendia, como borboleta louca, na poesia atractiva do amor por um estudante, cantor consagrado de fados na nostálgica melancolia das noites no Mondego.

Desde essa época, apesar de uma intensa vida intelectual, peregrinações constantes Europa adiante, a saúde de Portugal não se apagou mais no cérebro da romancista, que ansiava voltar, reviver, arquivar os elementos que lhe eram necessários para a confecção de uma nova obra que tomaria como fulcro umas das grandes, das maiores figuras da história portuguesa.

Gabrielle Réval, a autora apreciada da "Fonte dos Amores", voltou a Portugal, donde partiu há dias apoz quasi um mês de estadia em que procurou realizar as suas aspirações de há nove anos. A obra projectada sobre o Marquês de Pombal e a sua época, "Le grand Marquis", foi preparada com um escrúpulo de documentação que honra a probidade literária da

romancista e deve ser grato a todos os portugueses, habituados a ver tratar, em livros estrangeiros, as coisas da sua terra com uma desenvoltura chocante.

O livro de Gabrielle Réval, ou melhor dizendo os livros, visto que serão dois os volumes que a sua pena brilhante escreverá sobre assuntos portugueses, constituirão certamente excelentes elementos de propaganda, e este facto, resultante directa dos propósitos de amizade de M.^{me} Réval, justifica que incluamos a ilustre escritora na falange preciosa dos divulgadores de Portugal nos meios cultos estrangeiros.

Se na "Fonte dos Amores" se apresentava com todo o seu pitoresco, a vida universitária de Coimbra, enaltecendo a poesia dos costumes e do sentimentalismo da alma popular, no "Grand Marquis" a autora desenhará uma figura de estadista e patriota que a seduziu pelo seu vigor, pelo trágico da sua própria existência, por um talento de antecipação que lhe assegura um posto entre os grandes vultos da humanidade, em todos os tempos.

Mas Gabrielle Réval vai também escrever as suas impressões de viagem, juntando-as num volume, que as fotografias encherão de vida, e onde a sua sentimentalidade de artista descreverá os mais característicos costumes da nossa gente, as mais belas paisagens e os mais nobres monumentos da terra portuguesa.

Guiada por pessoas, que lhe votam a admiração espontânea de que é digna pelo seu grande carinho pelas nossas coisas, a consagrada escritora francesa, percorreu durante a sua permanência e nos intervalos deixados livres pelas suas investigações nos arquivos e bibliotecas, uma grande parte do país, colhendo im-

A escritora Gabrielle Réval, ao desembarcar em Lisboa, saudá as pessoas que aguardavam a sua chegada



pressões e completando a sua documentação literária.

Visitou todos os arredores de Lisboa, viajando na companhia do sr. Ministro de França e M.^{me} Jessé-Curely, que a acolheram com o natural carinho, até Alcobaca, Batalha, Mafra; conheceu Setúbal e Évora, onde o grupo Pró-Evora e o dr. Celestino David a receberam com a hospitalidade tradicional do povo alentejano; o sol e o mar prenderam-na alguns dias na maravilha do Estoril e, no trço final da sua viagem atravessou Tomar, foi colher a visão encantadora do Castelo de Almourol, admirou Aveiro, Porto, o Minho tão característico e, por Bussaco e Coimbra, despediu-se de Portugal, guardando o último adeus para a cidade que, há dez anos, fôra a primeira a mostrar-lhe a beleza, a atracção, o pitoresco de um país perdido, por mal seu, no extremo ocidental da Europa, mas que a natureza encheu pródigoamente das mais preciosas riquezas. Antes de abandonar Lisboa, Gabrielle Réval foi recebida em audiência pelo sr. general Carmona, que lhe pode testemunhar quanto os portugueses estimam a sua admirável obra de persistente e desinteressada propaganda nacional. Mas o que importa sobretudo é que a escritora talentosa e a conferencista eloquente, saiba que em Portugal o seu esforço é conhecido e apreciado, sendo estimada e querida um pouco como se nossa fôra; e que os portugueses, sem excepção, tenham conhecimento, para exemplo próprio, da influência decisiva exercida sobre um alto espírito feminino da sublime França, pelos encantos sedutores da pátria lusitana, que a transformaram num paladino da nossa propaganda internacional, com uma folha de serviços que raros portugueses podem egualar. S. C.



Fotografia tirada na Legação de França, quando da visita de Gabrielle Réval ao ministro daquele país. A direita, vê-se o nosso brilhante colaborador sr. dr. Salazar Carreira

O coração humano, mesmo o dos mais ferozes malfeteiros, exige carinho e sabe desentranhar-se em afeições e cuidados também.

Todos querem reunir em volta de si amizades que lhes dêem a impressão da popularidade ou a prova de que a sua simpatia pessoal tem influência no espírito dos mais avessos a sentimentalismos.

Conseguem esta aspiração muitos dos que assim o desejam, mas, a breve trecho, o desengano aparece irremediavelmente.

A vaidade e a cupidêz são os motivos principais que levam muita gente ao ofício de cortezão e adulador, girando na órbita iluminada dos ilustres ou dos endinheirados.

Há menino que tem um «filé» — passe o plebeísmo — em que o vejam abordar ou pelo menos cumprimentar o grande escritor A., o célebre pintor B., para que se pense que no seu miúdo há qualquer coisa que se aproveite, visto que os luminares das letras e das artes se dignam aceitar-lhe as falas ou os salamaleques.

E há outra fauna mais quiescente e mais perniciosa ainda — a dos comedores que enxameiam em volta do tipo que trás a carteira atafalhada d'esses papelinhos do Banco, que sujos e mal cheirosos são para certas criaturas maior enlêvo e melhor regálo do que a mais aprimorada obra de arte ou a essência mais esquisita.

Os outros, os primeiros citados, os vaidosos, contentam-se com a ostentação balôfa e vasia de grandes senhores. Estes, os comedores parasitas, agarram-se á vítima escolhida e despejam-lhe os bôlsos, venha o dinheiro pelo trabalho honrado, venha por traquibérnias que eles conhecem e até ajudam, ás vezes, a realizar.

Divertem-se sempre, à custa do papalvo que pensa ter amigos onde só tem gosadores, encham o papinho e sugam, furiosamente, até ao último pingo do maná que corre das largas algibeiras do pobre «patinho».

Mas quando o olvido estende o seu manto sobre os nomes do grande escritor e do pintor célebre, o fanfarrão já não lhes tira o chapéu e passa de largo. Para quê, se já não marcam?

Os outros, os amigos da m'esa e da pândega, fogem, como corvos saciados, do pateta que com eles gastou o seu dinheiro, apenas sentem o tilintar da última moeda, e o pateta fica sôzinho, diante da sua cõdea de pão, e não raras vezes com as grades da cadeia como única recordação de tão apregoadas dedicações.

Tudo desaparece. Os amigos e as amantes com quem se gastam fortunas, quando a miséria ou a desgraça bate no ombro daquele que até ali foi o ídolo de uns e outras, porque cavalgava o besêrro de

BEIJOS

que não mentem

ouro, num tácito entendimento, dão-se as mãos e voltam as costas, em procura de novas vítimas para o seu conto do vigário do amor e da amizade.

E os desiludidos só têm um peito onde se encostem e onde retemperem o ânimo perdido, o seio de sua mãe, a amiga que nunca falha — a única amiga. Enquanto eles, os filhos, são felizes, as mãis apagam-se, desviam-se, quási esquecidas no meio de tanta alegria, esplendor e glória.



Mas, à primeira alerta, ao primeiro estalar do desmoronamento dessa falsa ventura, as mãis acodem, estendem os braços e seguram os filhos que se despenham do alto de suas mentirosas grandezas.

E, sejam eles honestos, sejam assassinos ou ladrões, elas que se importam? São carne da sua carne, alma da sua alma, e sempre os vêem inocentes e lindos, como quando lhes davam o seio ou lhes ensinavam os primeiros passos.

Os seus filhos! Há lá nada que valha a impressão daquela boquita rosada donde escorria a gôta de leite chupada gulosamente.

Mãis! que tragédia a sua. Desde a Virgem Maria, amparando nos braços o filho descido dos outros braços supliciantes — a cruz que hoje nos redime — até à triste mendiga que trás agarrada à saia a ninhada faminta; desde a leôa das selvas à

pombinha que arrulha dôcemente, que epopeia sublime de ternura, abnegação e sacrifício!

Como seria bom e justo que os filhos não esperassem pelo desengano ou pela má sorte, para reconhecer, no amor de sua mãe, o melhor tesouro.

Mas a mocidade é má, embora inconscientemente, e ao primeiro olhar trocista de uma menina bonita, ao primeiro acêno de um problemático amigo, eles levantam vôo e seguem atrás do sonho falacioso e da miragem enganadora, e só voltam, quando tudo desaba, no seu caminho.

E que fazer? Nada. Aguardar o destino. A mocidade quer saber, quer experimentar. De conselhos, não faz caso, nem acredita, senão vendo, sentindo.

Foi sempre assim, e assim há-de ser sempre.

Os nossos avós e nossos pais fizeram o mesmo, o mesmo fizemos nós e de geração em geração há-de manter-se igual processo.

Bem podem prégar cautela e juízo, os que já da vida conhecem as ciladas, que os que vêem atrás não os acreditam.

Supõem que é má vontade ou rabujice, e que pensam dêsse modo, porque já se não lembram do descuidado tempo da sua juventude.

Quando, afinal, é justamente por se recordarem dos prazeres fictícios que muitas vezes se transformaram em pezares, que eles, os já experimentados, querem pôr em guarda a nova mocidade que chega entoando hinos doidos à vida, julgando-a tôda flôres e risos.

Há um ditado francês que diz:

Si jeuneise savait
Et vieillisse pouvait...

que é todo um tratado de sabedoria.

Se a mocidade soubesse, quantas penas, quantas dôres pouparia, para si e para os outros.

Se a velhice pudesse, que coisas belas faria ainda, que alegrias compensadoras dos erros do passado ainda conquistaria.

O triste «se eu soubesse», que, depois do mal feito, a mocidade grita, forma com o «se eu pudesse», exclamação saúdosa dos velhos, o círculo vicioso em que a alma humana gira constantemente, em busca de um bem sonhado, que é sempre um bem perdido.

Todos querem, por sua conta e risco, abrir o seu caminho, sem guia.

Mas não tem dúvida. Deixá-los passar, deixá-los. Elas, as sacrificadas, as abandonadas — as mãis — cá ficam à espera, de coração ansioso, e braços abertos para receber o filho caído, e pensar-lhe as feridas com os seus beijos — os únicos beijos que nunca mentem.

Um novo pintor



São da autoria do novo pintor Ernestino Ferreira da Silva, os doze painéis, em trípticos decorativos, que ornamentam diversos «stands» do Pavilhão Colonial, na Exposição Industrial Portuguesa.

Esses painéis, realizados num claro-escuro de admiráveis tonalidades e com notável firmeza de traço, revelam um artista de grandes recursos a quem está, decerto, reservado um brilhante futuro.

Luna de Oliveira



PUBLICAR, nos dias de hoje, um livro de versos, é arrojo, para não dizer, audácia.

Atravessa-se uma era de verdadeiras realidades para que os versos sejam matéria de primeira necessidade... No entanto, há livros e livros... Luna de Oliveira — nome conhecido no teatro, onde tem firmado produções de valor — publicou, agora, um livro intitulado *Horas Inquietas*, onde há lindos sonetos, formosas quadras, que merecem ser lidos pelos que amam a Poesia.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Uma homenagem a Columbano



Aproveitando a data do terceiro aniversário da morte do pintor Columbano, uma comissão de amigos e admiradores do grande artista, fez inaugurar uma lápide, na casa onde ele viveu e morreu. Após a leitura do auto de inauguração — auto, que a viúva do invidável mestre, assinou, como se vê na fotografia — falou o sr. dr. José de Figueiredo, que proferiu um discurso onde fez o elogio de Columbano e da sua obra.

Portugal no Brasil



O governo português concedeu com a Gran-Cruz da Ordem de Cristo a Federação das Associações Portuguesas no Brasil. Na fotografia que acima publicamos, vê-se o ilustre escritor Carlos Malheiro Dias, presidente da Federação, recebendo das mãos do nosso Embaixador, sr. dr. Martinho Nobre de Melo, as respectivas insígnias.

Mercedes Blasco



MERCEDES BLASCO — a irrequieta escritora — lançou mais um volume no mercado. Tem por título «Hipócritas». Nele, focam-se alguns dos nossos principais artistas de teatro. São perfis bem desenhados — desenhados por outra artista. O nome de «Hipócritas» — explica-o o conhecido professor Agostinho Fortes, numa interessante carta-prefácio — provém da velha Grécia. Eram assim conhecidos, naquele tempo, genericamente, os actores e as actrizes...

Sanches da Gama



SANCHES da Gama — nome conhecido na poesia portuguesa — lançou no mercado, mais uma obra de valor: «Pela vida fóra». São versos dum poeta, cujo lirismo já a crítica justamente assinalou, quando da publicação dos seus últimos livros. Isto não nos impede de exprimir o encanto que nos ficou da leitura dalgumas das suas páginas.

O «Yo-Yo» no Estoril



Com uma grande animação e farta concorrência, realizou-se, há dias, no Estoril, um interessante «Concurso de Yo-Yo» entre as crianças daquela formosíssima praia e de Cascais. Se o certamen decorreu com alegria, com não menos graça se realizou a distribuição dos prémios, conforme nos mostra a gravura.

França e Portugal



ASSISTÊNCIA ao jantar oferecido ao sr. Henry Collot, membro do «Comité de Defense des Vins du Porto e Madère», no «Palácio do Estoril». Da esquerda para a direita: Vergílio Pereira da Silva, Guilherme Pereira de Carvalho, D. Irene de Vasconcelos, Henry Collot, Guilherme Cardim, João Matos e Dr. José Coelho da-Cunha.

desportos

OS FACTOS DA QUINZENA

O calendário internacional da nova época de foot-ball passou a sua primeira jornada com o encontro realizado no Estádio entre as selecções de Lisboa e das Astúrias. Na época passada deslocára-se a Oviedo um grupo representativo da capital, que sofreu um 5-1 pouco honroso e no qual uma parte dos componentes parece haver aceite a viagem como uma agradável vilegiatura mas no firme propósito de reservar energias para posteriores lutas desportivas.

Agora, em nossa casa, tendo como adversários jogadores sob evidente fadiga de uma longa viagem em auto-car, chegados na noite precedente ao encontro, tudo parecia indicar que o resultado nos seria favorável Fomos, porém, segunda vez batidos, por 2-1, e os representantes lisboetas não souberam corresponder à confiança neles depositada.

Segundo a frase pitoresca de pessoa nossa amiga, que presenciou o encontro, parecia um jogo casados-contra solteiros.

Estamos convencidos que o caso será absolutamente esporádico, e o foot-ball português encontrará representantes que saibam, nas futuras lutas internacionais manter as tradições de energia e classe que nos cotaram como adversários sempre respeitados.

O fracasso da equipe lisboeta deixa-nos perplexo quanto ao valor do conjunto selecionado, tanto mais perplexo quanto mais numeroso foi desta vez o comité encarregado de o escolher, que compreendia cinco membros. Haverá alguma relação subconsciente entre as duas coisas? Será possível que os grupos sejam tanto piores, quanto mais abundantes os selecionadores?

Uma semana mais tarde o grupo representativo da Associação do Porto encarregou se de vingar o cheque dos lisboetas, batendo o mesmo adversário pelos 2-1 que lhe havia assegurado a vitória na capital.

Os factos continuam demonstrando o declínio do foot ball da capital, que parece dominado pelo valor da mais forte formação nortenha. As deslocações dos clubs lisboetas à provincia eram tomadas como agradáveis ex-

cursões em que a preocupação da derrota importava pouco.

Pois no primeiro domingo d'este mês, aproveitando a folga obrigatória do campeonato, os melhores agrupamentos da nossa cidade partiram país fóra e o desastre foi completo.

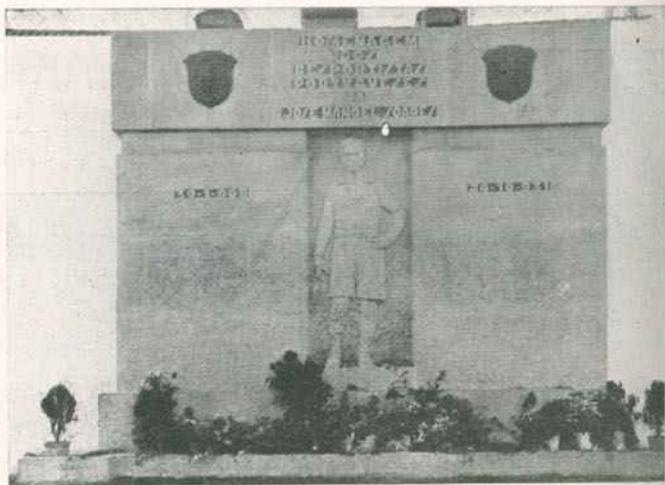
O Belenenses foi batido em Setúbal pelo Vitória, o Benfica sofreu em Evora pesada derrota de 4-1, e o invencível Sporting deixou a fama nas mãos dos rapazes da Académica que, sem respeito pelo passado, o mimosearam com um goal sem resposta que garantiu a vitória. Para não desmanchar a harmonia dos companheiros da divisão de honra, o Casa-Pia, que ficou em Lisboa, foi ao campo do promociónario Operário, buscar a derrota que os outros procuravam mais longe.

O ciclista francês Maurice Archambaud, um rapaz de vinte e três anos que no decurso da época se afirmara como um valor incontestável alcançando triunfos notáveis, acaba de realisar uma formidável proeza batendo o velho record da hora do suíço Oscar Egg.

Em pista e sem treinadores, Archambaud percorreu no velodromo de Argel durante sessenta minutos, a bagatela de 44, k. m 564, melhorando de 317 m o anterior máximo.

Infelizmente para o corredor as determinações regulamentares impedem a homologação do seu record, porque o cronometrista que a fiscalizou, embora pessoa idónia, não possui o diploma de reconhecimento da União Velocipédica. A proesa de Archambaud ficará, por conseguinte, nos anais do desporto, como um facto verificado, mas sem repercursão oficial.

Desde o duelo travado nos anos 1915 e 1916 entre Marcel Berthet e Oscar Egg, durante os quais cada um se apossou por duas vezes do record, e decidido no final a favor do segundo que foi o primeiro homem a ultrapassar numa bicicleta os quarenta e quatro quilómetros na hora, ninguém ousara atacar o record, considerado quasi intangível. O pequeno Ar-



O monumento a José Manuel Soares, mais um triste acontecimento da arte desportiva em Portugal.

chambaud veio dar-lhe a estocada fatal, 18 anos, 4 meses e 9 dias após o seu estabelecimento

Aproveitando a forma actual e as excelentes condições atmosféricas, a joven maravilha francesa repetiu a sua tentativa oito dias após a primeira, na presença de um cronometrista oficial, mas não conseguiu repetir a proeza, e o record de Egg, permanecerá ainda nas tabelas oficiais.

Seria interessante que em Portugal se organisasse uma competição a praso determinado, para estabelecimento do record nacional da hora em bicicleta e em pista, prova que nos daria seguramente preciosas noções acerca do valor relativo dos azes portugueses.

Uma revista espanhola de desportos publicava recentemente um curioso método de cultura física destinada ás senhoras. Partindo do principio que muitas são as donas de casa que não podem praticar a sua sessão diária de ginástica porque as lides caseiras lhes não deixam tempo livre suficiente, o autor metodisou os próprios exercicios da labuta domestica constituindo com elles um programa de actividade física que mobilisa todos os grupos musculares.

Assim, por exemplo, aconselha varrer o chão como trabalho de rotação do tronco e flexão e extensão alternada dos braços; coser á máquina como trabalho dos membros inferiores; lavar e estender a roupa para substituir os exercicios de flexão do tronco e elevação dos braços.

Finalmente, esfregar o chão é aconselhado como um excelente trabalho para os musculos abdominais.

Esta interpretação cultural dos exercicios utilitários apresenta um interesse manifesto e coaduna-se bem ás teorias modernas da ginástica natural, sem a rigidês absoluta das primitivas escolas; provam também que o exercicio fisico está integrado na existência normal do individuo humano, e que a grande maioria das mulheres, emulas do molieresco senhor Jourdain, praticam a educação física sem dar por tal.

Referimo-nos na crónica anterior à cerimonia do descerramento do monumento a José Manuel Soares, no campo do C. F. «Os Belenenses». O facto merece uma mais longa refe-



A imponente massa dos concorrentes à partida da III Légua do «Primeiro de Janeiro» no Porto



O único goal que os lisboetas marcaram aos asturianos foi obra de Heitor

rência pelo que representa de saudosa homenagem a um companheiro desaparecido, de grata evocação a um elemento que honrou o nome português no campo do desporto internacional; a ele se associou toda a população desportiva nacional, representada pelos esportistas e pelas delegações de quâsi setenta colectividades de todo o país. Este caso é tanto mais significativo quanto é sabido vivermos numa sociedade de ingratos. Belo gesto, o do Belenenses, e belo exemplo para tantos outros!

Acontece, porém, que uma vez mais a arte se manteve alheada do desporto; depois do fustoso discobolo, do desolador menino a quem foi entregue o medalhão de Luís Monteiro, o monumento ao «Pepe» continúa não satisfazendo ás mais simples exigências da estética.

Se a sua arquitectura geral, de uma sobriedade de traços clássica, condiz e se harmonisa com o ambiente a que é destinado e o local que lhe foi reservado, a figura central tem apenas de José Manuel Soares o nome, e nem pelos detalhes, nem pela atitude, recorda o saudável jogador. Não faltarão, no entanto, fotografias que lhe reproduzam os traços e fixem as atitudes. Porquê, então, aquele Pepe tão pouco Pepe para os que ainda conservam viva a imagem do garoto inteligente e bulhoso, da sua mocidade generosa de energias?

Quando vimos, no seu monumento perpetuador, a figura que o pretende simbolisar, tornaram-se em nosso peito mais amargas, mais sombrias, as saúdes do Pepe!

O «Primeiro de Janeiro» organizou no Porto uma corrida pedestre da Léguas que foi um incontestável sucesso de organização popular, visto que conseguiu alinhar à partida o número-record de trezentos concorrentes. Realizou assim o activo jornal portuense uma excelente obra de propaganda atlética, sob todos os pontos de vista digna do maior elogio.

A prova não forneceu qualquer revelação e os vencedores foram aqueles habitualmente tidos como melhores; Diamantino França, Veteu, na ordem, António de Almeida, Mário José, António Marques, o que fica dentro de uma lógica inatacável.

Registaram-se tempos mirabolantes; os dois primeiros foram creditados de um tempo inferior a 15 minutos, o que os classificaria

dentro dos dez melhores especialistas do mundo, em todos os tempos. Claro que há erro: ou a légua era muito curta, ou o percurso a descer, ou, o que me parece mais provável, uma e outra coisa.

Esta reserva, de ordem puramente técnica, em nada pode prejudicar a larga envergadura da prova e o seu sucesso de popularidade, que eram os verdadeiros fins da organização.

Entre as modalidades desportivas de mais recente implantação em Paris, o hockey em gelo é seguramente aquela que mais progressos tem afirmado.

As equipas francesas, reforçadas por um certo número de jogadores americanos e canadianos, importados expressamente, têm afirmado uma classe apreciável e acumulam, sobre os agrupamentos estrangeiros visitantes, vitórias que consagram o interesse do público. É justo dizer que o jogo em si é já empolgante, sobretudo pela extraordinária velocidade de todas as suas evoluções.

Num dos últimos encontros realizados, a equipe do Stade Français conseguiu derrotar por completo o grupo representativo da Escossia, inflingindo-lhe 7 goals contra um único.

Estes espetáculos de hockey são sempre completados pela apresentação de patinadores artísticos, cujas evoluções constituem um encanto de graça e de movimento. A norueguesa Sonia Henie é o actual idolo de Paris.

O problema das representações olímpicas — sua preparação e funções da entidade olímpica nacional embora pouco do agrado dos interessados, encontram com frequência argumentos de reforço e, noutros países, opiniões concordantes.

Várias vezes insistimos pela conveniência de firmar uma íntima colaboração entre as federações nacionais e o «Comité», este abandonando o seu olímpico alheamento para se interessar directamente na obra de preparação dos atletas

e no problema nacional da representação. Naturalmente, os olímpicos não gostam; em Portugal ou em qualquer outro país, não gostam nunca do que lhes dê trabalho suplementar, além da espasmódica actividade quadrienal, ou os equipare aos vulgares mortais, fazendo-os perder a divindade que a si próprios conferiram.

Reuniu recentemente o «Comité» Olímpico Francês para apreciar o relatório da representação em Los Angeles e, no decurso da sessão, alguns dos seus membros mais cotados, aproveitaram a oportunidade para atacar a fundo o sistema actual de organização, defendendo o critério duma conjugação exclusivamente nacional.

O presidente da Federação de Football, Jules Rimet, declarou preferir que o «Comité» esteja sob a jurisdição da Confederação Nacional (C. N. S.), que sob a do «Comité» Internacional. Não pretende diminuir o prestígio do C. O. F., mas julga ser impossível que este organismo se mantenha em desacôrdo com a linha política desportiva da Confederação, opinião que, de resto, se firma no próprio espirito da lei, a qual estabelece que o «Comité» Olímpico Francês seja constituído por individualidades escolhidas no seio da Confederação Nacional.

Após um século de esquecimento, o mundo descobriu de novo o Yo-Yo, a velha emigrette que o directorio herdára da côrte de Luiz XVI e que hoje se transformou numa epidemia.

Pelas ruas, nos jardins, nos cafés em toda a parte aparece no seu monotono vai-vem, um Yo-Yo melancólico; até nos campos de desporto.

Relatam os jornais húngaros que, num encontro de football disputado recentemente em Budapest, um dos grupos manteve tal dominio sobre o outro que um dos seus defesas, farto da sua posição de simples espectador pois a bola nunca vinha até elle, sacou um Yo-Yo da algibeira dos calções e entregou-se, perante o público divertidíssimo, a uma exhibição das mais difíceis manobras.

O árbitro, cuja atenção foi despertada pelo riso da assistência, confiscou o Yo-Yo e queixou-se à Federação húngara, acusando o jogador de grave falta de respeito.

A comissão de disciplina aprovou a apreensão do Yo-Yo pelo árbitro mas julgou que não havia motivo para castigar o jogador visto que as regras não previam punição pelo facto dum jogador se entregar durante um encontro de «foot-ball» ás delicias do Yo-Yo. Aplicou, contudo, ao jogador uma repreensão.

Salazar Carreira.



Os grupos que disputaram o II Lisboa-Asturias alinhados antes do encontro



à pesca

— **V**ês, meu querido maridinho, que a-pesar-de não termos cosinheira não te tem faltado o almoço e o jantar a horas?

— Vejo, sim, meu amôr.
— E dos pratos que tenho feito, de qual é que gostastes mais?
— Das sardinhas de lata.

No comboio:
O revisor — Neste compartimento é proibido fumar.

O passageiro — Mas eu não estou a fumar.

O revisor — Então para que tem o cachimbo na bôca?

O passageiro — Lá por isso, também tenho as botas nos pés, e estou parado.

— Juro-te que és o primeiro homem a quem amo.

— Acredito.
— Pois, és também o primeiro que acredita.

— Como estivesse a engordar cada vez mais, o médico mandou-me andar a cavalo, para emagrecer, mas desde que faço êsse exercício estou cada vez mais gôrdo.
— Tu, talvez, agora o cavalo...

— Vasco da Gama, com 4 naus descobriu a Índia.

— Isso não é nada. Eu descobro-me todos os dias a mim mesmo.

— Como?
— Tirando o chapéu.

O orador — Eu, meus senhores, só a mim devo tudo quanto sou. Pode dizer-se que me fiz a mim próprio.

Uma voz — Mal empregado tempo.

Nos escritórios duma Companhia de Caminhos de Ferro:

O empregado — Cá está outra reclamação do dono das vacas. Pedem-me uma indemnização pelos prejuízos sofridos.

O chefe — Já sei, os comboios com a sua velocidade vertiginosa tem-lhe atropelado os animais.

O empregado — Não senhor, diz que quando os comboios passam, lá pela propriedade, os passageiros chegam às janelas e mugem-lhe as vacas.

— Não saia esta noite de casa porque estão à sua espera lá fóra para lhe abrir a cabeça.

— Isso é que eu saio, mas como homem prevenido vale por dois, eu fico em casa e o outro que vá para a rua.

No Stand "Ford":

O freguês — Quando comprei o automóvel disseram-me que substituiriam tôdas as peças que se partissem.

O empregado — Sim senhor.

O freguês — Então faça favor de me dar um braço esquerdo para a minha cunhada e uma cabeça para a minha sogra.

— Então tu trazes-me o fato e logo ao mesmo tempo apresentas-me a factura? Mas isso é uma prova de desconfiança.

— Não é, não senhor; é que o patrão julgou que o senhor era um daqueles freguezes que pagam.

— Porque é que a Libânia, quando caminha, parece uma boneca a andar?

— É porquê tem as duas pernas direitas.

— Não pode ser. Uma há-de ser esquerda por fôrça.

Entre batoteiros.

— Ouve lá, na Turquia também jogam o monte?

— Jogam.
— E pagam com porta?
— A dobrar. Pagam com a Sublime Porta.

No tribunal:

O juiz — Parece impossível que o senhor assassinasse a pobre velha para lhe roubar cinco mil réis.

O réu — Então... cinco mil réis daqui... cinco mil réis dali... Bago a bago enche a galinha o papo.

— Tu sabes porque é que o sol não anda?

— Sei; foi porque Moisés, quando o fez parar, depois, esqueceu-se de lhe dar corda.

Entre amigas:

— O Francisco nunca fazia caso de mim e ontem dansou comigo três vezes.

— Pois sim, mas lembra-te que era um baile de caridade.

— Que me diz, o meu amigo, do dilúvio universal.

— Digo-lhe que me apanhou sem guarda-chuva.

— Já reparaste que a F... foram-lhe pateadas duas peças seguidas.

— Foram dois verdadeiros fiascos. E agora o que faz êle?

— Está a escrever um livro sôbre a decadência do teatro.

— A que horas entrou ontem o senhor?

— Não sei, mas às 8 horas quando fui buscar as botas, para engraxar, ainda estavam quentes.

Na aula:

O professor de Zoologia — Cite-me cinco animais do Polo Artico.

O aluno de zoologia — Três focas e dois ursos brancos.

Num clube de folgazões discute-se o prazer das noitadas.

— O pior, diz um sócio casado, são os berros da esposa, quando entramos em casa.

— Isso é um horror. Eu que sou casado com uma surda-muda...

— Que felizardo, exclamam todos.

— Mal entro a porta tenho logo que apagar a luz para não a ver falar por gestos.

O pescador — Lino Ferreira.



O futuro Presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte será Franklin Roosevelt, que foi eleito no dia oito deste mês, com cerca de dezoito milhões de votos. Quem é? Eis alguns dados biográficos:

Franklin Delano Roosevelt, filho dum lavrador modesto, nasceu a 30 de Janeiro de 1882, na residência de campo de sua família, em Hyde Park, Nova York, onde ainda hoje costuma ir com frequência, descansar dos seus trabalhos quotidianos. Desde muito novo, começou a manifestar uma grande simpatia e interesse pela marinha; mas só mais tarde, quando a idade lho permitiu, pôde dar realização ao seu sonho de tantos anos. No entanto, formou-se em direito na Universidade de Harvard e mais tarde doutorou-se na de Columbia. Esteve na Alemanha durante umas férias. Casou em 1905 com Ana Roosevelt, filha do irmão mais novo do antigo presidente Roosevelt, de quem Franklin Roosevelt é parente afastado, sabendo-se que o antigo presidente honrou com a sua presença o acto do matrimónio de Franklin, para o que veio expressamente da Casa Branca a Nova York.

Até 1910, Franklin Roosevelt não se pôs em contacto com a política. Até essa data, só apareceu em público, casualmente, como membro da

Quem é Roosevelt

o novo Presidente

da República Norte-Americana



O presidente eleito dos Estados Unidos tomando banho numa das praias de Nova York.

brigada de bombeiros voluntários de Hyde Park. Em 1911 foi eleito senador federal pelo Estado novayorkino. Em 1913, com a subida de Woodrow Wilson à presidência da República, Franklin Roosevelt foi encarregado do sub-secretariado da Marinha.

Em 1919, Roosevelt esteve em França em negociações para a venda de material de guerra americano. Quando regressou, agitou vivamente a questão da entrada da América na Sociedade das Nações, e pugnou calorosamente nesse sentido; por fim, apresentou a sua candidatura para a vice-presidência dos Estados Unidos, com James Cox, tendo sofrido ambos uma lamentável derrota que o levou a retirar-se da vida pública. Tinha, então, 37 anos. Depois adoeceu gravemente, com um ataque de paralisia infantil, julgando-se que não poderia voltar a andar sem muletas; mas, com uma enorme energia, conseguiu vencer as consequências da enfermidade, ao ponto de hoje, embora ainda não completamente bom já pode fazer todos os seus movimentos livremente.

Em 1928 foi eleito governador do Estado de Nova York e reeleito em 1930.

O presidente eleito dos Estados Unidos é uma pessoa de elevada inteligência e de grande cultura.

Fala perfeitamente várias línguas.



Uma das fases culminantes da propaganda que elevou Franklin Roosevelt ao alto cargo de Presidente da República dos Estados Unidos. Foi em Chicago, quando da escolha do seu nome para candidato à Presidência pela Convenção do Partido Democrático.

[França e Espanha



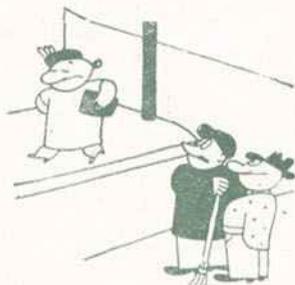
A nota política, no país vizinho, da última quinzena, foi, sem dúvida, a visita de Herriot — presidente do governo francês — a Madrid. A imprensa espanhola e parisiense, tem-na comentado, consoante as suas tendências políticas. Na nossa gravura, vemos-se Herriot e o Presidente da República Espanhola, posando, para os fotógrafos dos jornais madrilenos.

Vingará?



Na Maternidade de Londres, nasceu uma criancinha do sexo feminino, que tinha 30 centímetros de altura e pesava 600 gramas. Ao oitavo dia — data da última notícia — ainda vivia e os médicos tinham esperança em que vingasse. A medicina, hoje, que consegue tudo... conseguirá fazer uma mulher daquele dedal de carne, a quem a imprensa já chama a «criança mais pequena do mundo?»

A graça alheia



— NÃO A CONHECES? FOI A QUE GANHOU O 1.º PRÊMIO... NO CONCURSO DA MULHER MAIS ANTIPÁTICA DO MUNDO!

PELO MUNDO FÓRA

«A Marcha da Fome»

VINDOS de todos os cantos de Inglaterra entrou, há dias, em Londres, um cortejo dos sem trabalho, que a imprensa londrina apelidou de «Marcha da Fome». Concentraram-se nos arredores da capital inglesa e tentaram,



por várias vezes invadir as ruas principais. A polícia opoz-se, tendo havido luta, que custou a morte a alguns deles.

Na fotografia, vê-se o grupo dos desempregados escoceses, chegando às portas de Londres, empunhando bandeiras e cartazes. A polícia dispersou-os, porém, nas imediações de Hyde-Park.

Conferência Internacional do Trabalho

EM Madrid, esteve reunida durante uma semana, a Conferência Internacional do Trabalho. Marcou-se a data de 10 de Janeiro do próximo ano, para nova reunião, onde se fixará a redução das horas de trabalho na indústria e onde se estudarão problemas técnicos. Procurar-se-á nessa



assembleia magna, estudar o meio de empregar a maior parte dos operários, actualmente sem colocação. Uma das questões a debater será a proibição do trabalho nas minas, das mulheres e dos menores. Para essa reunião serão convidados a fazer-se representar os países que ainda não tomaram parte nos trabalhos. Essa conferência servirá de base para a próxima Conferência Económica e Financeira Mundial de Londres a reunir em Junho de 1933, onde se há de procurar remediar o grande mal que vem afligindo os governos: a crise do desemprego. Como da discussão nasce a luz, é possível que destas reuniões algum bem venha para a colectividade... Até lá, é claro, os desempregados... continuarão sem emprego.

Uma prisão



EM Atenas, foi preso, acusado de falência fraudulenta, Samuel Insull, o «rei da electricidade», que como se vê, escondeu a cara, ao passar pelos fotógrafos...

Teatro francês



YVONNE Printemps — depois de divorciada de Sachá Guitry — reapareceu ao publico parisiense, numa peça do ex-marido, intitulada «Mozart».

Uma opinião



LLOYD George — o celebre estadista inglês — um dos signatários do Tratado de Versailles, assegurou numa entrevista que deu aos jornais, que estamos perto duma nova conflagração europeia.

A graça alheia



O EMPREGADO — E SE O PROTARBOXISTA SE MATASSE COM UM TIRO EM VEZ DE SE EXTINGUIR?
O AUTOR — PORQUÊ?
O EMPREGADO — PARA ACORDAR O PÚBLICO!

Cem quilos



Em Paris, fundou-se um Club, a que só podem pertencer os que tiverem, pelo menos, cem quilos de peso... Já tem 40 sócios. Reunem-se, diariamente, num mesmo café, e promovem passeios todos os domingos... Valem quanto pesam... estes franceses.

Em homenagem...



Os jornalistas ingleses e americanos, residentes em Paris, ofereceram a Herriot, um banquete de homenagem. No final do repasto, todos os assistentes, sacaram da algebeira um cachimbo, igual ao de Herriot.

Aviação



O ar apaixona toda a gente. Nobres e plebeus. O conde Paris, filho do duque de Guise, pretendente ao trono de França, acaba de tirar, em Bruxelas, o *brevet* de piloto.

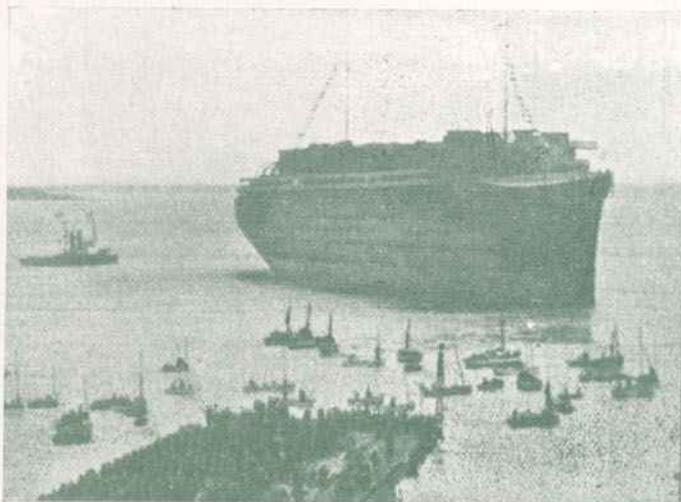
A graça alheia



— É ESTA A ÚLTIMA FOTOGRAFIA DO SEU FILHINHO?...
— NÃO!... ESSA JÁ TIREI HA QUATELO ANOS...

PELO MUNDO FÓRA

O maior navio do mundo



DESTINADO ao serviço do Havre à New-York, uma companhia francesa acaba de lançar ao mar, um barco com 75.000 toneladas. Fica sendo o maior do mundo. Tem 313 metros de comprimento — mais treze do que a Torre Eiffel de altura. Poderá transportar 2.170 passageiros e terá 1.320 homens de tripulação, ou seja um total de 3.490 pessoas a bordo.

Maurice Chevallier



O endiabrado Maurice — o ídolo das plateias cinéfilas e teatrais do mundo — esteve na Holanda. O êxito foi enorme. Os fotografos trabalharam incessantemente. Maurice, vê-se na gravura, entre duas lindas holandesas, que o obsequiaram com beijos... de admiradoras.

Uma Exposição Internacional



Em Chicago, realizar-se-á em 1933, uma Exposição Internacional. A fotografia mostra-nos o plano, feito por Morton R. Addy, da parte norte, onde se admirará o «Frelsd museum» e a formidável «Torre de água e luz», que está sendo construída. A exposição será para comemorar o centenário da incorporação, de Chicago, como cidade, na Republica Norte-Americana.

Casamento



Em Londres, e com grande pompa, efectuou-se o casamento da segunda filha do primeiro ministro, miss Joan Macdonald com o médico da corte inglesa Dr. Ullastair MacKinnon. Ambos são formados em medicina e professores da Universidade de Edimbourg.

Um atentado



Os tribunais japoneses condenaram à morte o jovem Li Hoscho, que atentou contra a vida do imperador Hiro-Hito. Ei-lo a caminho do local, onde foi executado. Levava, como é hábito, um capuz, enfiado pela cabeça abaixo.

Do ar...



Esta máquina fotográfica, em forma de cruz, tem cinco objectivas e pode tirar fotografias aéreas, que abrangem 20 quilómetros quadrados.

A graça alheia



— BE DÁR EM PASSO QUE SEJA... ES EM HOMEM MORTO!



— Da parte da Santa Inquisição? — anunciou o gigantesco frade de S. Domingos, a cabeça erguida, as mãos ocultas nas mangas do hábito.

— Pois que entre a Santa Inquisição, — murmurou, timidamente, o irmão porteiro-maior.

O dominicano voltou-se, fez sinal ao leigo da tocha e aos três familiares, que subiram, derrubando os largos sombreros de feltro negro. Ao chegar ao tópo da escadaria capítular, entraram no primeiro corredor do dormitório, ladoado de arqui-bancos de castanho, alumiado por lanternões de fátio onde a luz fruscouteava, e enquanto o porteiro-maior foi prevenir o guarda à sua cela, o hierático frade de S. Domingos, sempre com a testeira da cogula sobre os olhos, desenrolou um papel, aproximou-se da luz de uma lanterna, verificou um nome que lhe espreicera, tornou-o a enrolar, guardou-o na manga do hábito, e esperou. Momentos depois, a porta dum das celas abriu-se, e precedido do porteiro, o guarda de S. Francisco, velho frade octogonário, arrastando as pernas, caquético, apoiado a um bordão de salgueiro, a mão desarmada a defender da luz os olhos docentes, avançou para o grupo negro dos familiares, numa voz trêmula: — A Santa Inquisição que manda desta humilde casa?

O dominicano desdobrou a estatura enorme, deu três passos de encontro ao frade, entregou-lhe o papel de que era portador, e informou, com a rude alicitez própria dos padres de S. Domingos: — Ordem de Sua Eminência o arcebispo inquisidor-mór para que vossa paternidade entregue ao Tribunal do Santo Ofício o padre frei Manoel do Sepulcro, da província de Santo António, leitor deste convento. Vossa paternidade providenciará.

— Ide acordar à cela frei Manoel do Sepulcro.

Dai a pouco, ouviram-se de novo os passos da porteiro-maior, armistando nas teijeiras do chão; a sua figura hesitante aasmou no claro das lanternas, — e, atrás d'ela, outro vulto surgiu, nêbre, viril, páfilo, embeulhado também no áspero burel de S. Francisco, a cabeça neta, o pescoço másculo a descoberto, o olhar calmo e limpo. Era frei Manoel do Sepulcro. O moço frade caminhava até ao arqui-banco onde o guarda se deixara cair, correndo as camândulas; curvou a cabeça, respeitoso, perante o velho prebado; depois, apertou-se, rezou a fonte numa expressão de tranquila dignidade, encanou o dominicano que o apontava de braços cruzados sobre o peito, e exclamou, meditando de alto a baixo com o olhar: — Estão as ordens da Santa Inquisição.

Sem demora, apressaram-se d'ele os familiares. Um donato porteiro-menor, estremunhado, acendeu a tocha num dos lampejos, para acompanhar à portaria os recém-vindos. Não havia mais formalidades a cumprir. O frade de S. Domingos deixou passar à frente o franciscano preso, os familiares e os leigos; e enquanto o valedutário guardião tremia convulsivamente olhando os vultos que se afastavam, desceu a grande escada capítular, a passos lentos, encapuzado na cogula negra que o fazia parecer mais gigantesco ainda.

Passado o tempo de quarenta padressinhos rezados devagar, frei Manoel do Sepulcro, acompanhado pelo dominicano e pelos familiares, chegava ao pátio da Inquisição, diante do terreiro do Rossio onde atstavam, em esvaguos nêgros, as sombras da noite. No silêncio da cidade adormecida, ouvia-se apenas o ruído dos loucos na sala-das-palhas do Hospital. Passaram o vasto pátio, ombe duas fileiras — talvez dos inquisidores — guardavãos, sonolentos; e, transpondo o cumhal de forte albaria, entraram por uma porta escura, chapada de ferro, fronteira à ermida da Senhora-da-Escada. Momentos depois, o franciscano preso era introduzido numa sala rectangular, de tecto de carvalho em caxalotes e chão de teijolo, cujos ladrilhos soltos se lhe moviam debaixo das sandálias. Ali, juntaram-se ao grupo, que o conduzia, outros dois frades de S. Domingos, esguios, lentos, duros como grandes pincelelas brancas e negras, as mãos nas mangas do hábito, os capuzes sobre os olhos, — e, sem uma palavra, entendendo-se apenas por olhares e por gestos, foram desaparecendo todos num recanto sombrio, defenestrado por grades de ferro forjado, donde descia uma escadaria estreita de pedra, em cascata. Frei Manoel do Sepulcro foi o penúltimo a descer. Atrás-d'ele, hirtio, enorme, sofrendo o escapulário de lá negra, batendo a soleira de como na pedra das escadas, seguiu o silencioso e brutal dominicano que o fora buscar ao convento. Desceram trinta degraus, na escuridão. Cheirava a bafo e a humidade. Finalmente, a escada terminou, atirado, como um bocejo de pedra, para uma quadra de abobadadas, alumiada por tochas cravadas em ticocheiros de ferro da altura de um homem, e rodeada de escanos de castanho em cujo espaldar flamejava a espada de S. Domingos. Ao chegar ali, os familiares zefiraram-se, deixando o frade

O PROCESSO frei Manoello Sepulcro

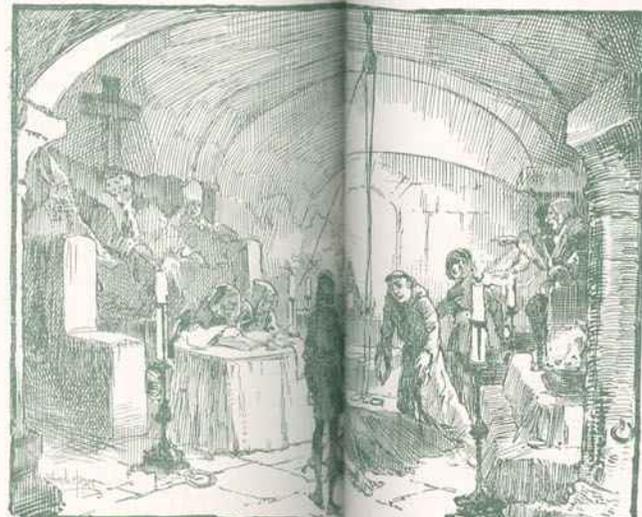
entregue aos três dominicanos. Dois d'elles aproximaram-se duma porta baixa, abrochada do pregaria de bronze, escutando; em seguida, abriram-na e desapareceram. Ficaram apenas na sala, junto de um dos ticocheiros de ferro, o franciscano e o padre espaldado de S. Domingos que o acompanhara desde o mosteiro.

Os dois homens, de pé, mudos, imóveis um em frente do outro, olhavam-se.

O escapulário negro do dominicano e o chitro de burel do frade menor pareciam revestir duas paredes, os qualificadores, os auditores dominicanos do Tribunal aguardavam, impassíveis. Diante do inquisitridente. Depois, outro, mais doloroso ainda, a que se se sentava numa estala mais alta, chamiejava a guirama sons rucos, guturais, estrangulados. Perdeu-se distintamente, um ruído de ferros, um chiar de contos, o espanto ritejada numa roldana. Por fim, de non estantes de arqui-brameu. O olhar de frei Manoel do Sepulcro contraiu-se; os olhos cravaram-se sobre as grades de ferro fortemente chumbadas à pedra; do seu instintivo movimento de defesa, a sua mão plácida tocava as cordas, de pólos enormes; a um lado, um carou o espelho do ticocheiro de ferro. Quando a madeira, vasto como um leito, parecia salpicado perguntar em nome de que Deus, em nome de quem se torturavam assim criaturas humanas — e as negras, encostadas a uma tapeçaria onde a cruz, duro, com um pequeno crucifixo na mão, chamava-se a oliveira e a espada da Inquisição surgiam, ar-

— Padre frei Manoel do Sepulcro.

O moço franciscano ergueu a fronte com nobreza, o frade que o reclamava, e, serenamente, em possessão do seu direito dos juizes, e estacou. Perda d'ele, sobre as lajes entre no ajuntamento extinguido, segundo dos dois pátios, um pano escuro parecia recobrir umas formas hu-



manas. O olhar do moço frade demorou-se nesse vulto, fardo palpitando donde surgia apenas um pé branco e descalço; depois, percorreu tóta a quadra, e fixou-se, tranqüilo, no estrado do Santo Tribunal.

— Que nome haverá? — inquiriu, da estala do inquisidor, uma voz lápera batida como um toque de matriça.

— Frei Manoel do Sepulcro, — respondeu o franciscano.

O mais velho dos notários ergueu-se, montou no maris os seus enormes quevedos de couro, e à luz dum candieira de latão pousada no ariz, leu, num dos folios que tinha diante de si: — «E mais a testemunha declarou, por tormentas in caput aliteras, receber o padre frei Manoel do Sepulcro, da província de Santo António, religioso nesta cidade, uma mulher moça da qual tivera um filho na constância do hábito, e com a qual praticava na seita lutherana...»

— «E falso?» — exclamou o frade, avançando para o cadeiral dos juizes. — «E falso que eu mesmo pratico algum dia na seita lutherana, fosse com quem fosse!»

— Confiteite dimittite, — articulou, placidamente, do alto do estrado, um dos qualificadores dominicanos.

— E quem era a mulher que vossa reverência recobria na sua cela? — insistiu a voz cortante do inquisidor, fazendo tilintar sobre o brazeiro a cruz de ferro das camândulas. — Que nome tem? Vossa reverência deve abê-lo...

— Não sei.

— Onde vive ela?

— Não sei. Nem este Santo Tribunal tom que vêr com essa mulher. O frade sou eu, o pecador sou eu, é só!

— Obstina-se no silêncio? — bramiu o auditor, avançando a cabeça birsuta, num gesto leroz.

— Digo que é falsa a acusação. Nada mais.

O franciscano, olhando, de frente, o inquisidor, cruzou os braços. Durante alguns momentos, o tribunal esperou, imóvel. Ouvira-se apenas o câlmo dos notários, arranhando o papel. O qualificador, gordo como Silém, deixou cair, lentamente, a trágica palavra: — Negativo.

Ato contínuo, dois homens apressaram-se de frei Manoel do Sepulcro. As gualteiras negras cobriam-lhes as faces; os seus movimentos eram rápidos e breves. Arrastaram o frade até uma das argolas de ferro chumbadas ao lagado; ataram-lhe os pés à argola; amarraram-lhe as mãos atrás das costas, com uma corda de esparto que passava na roldana pendente dum arco mostre da abobada; e, fazendo sinal a dois executores que, por detrás do cadeiral dos juizes, moviam uma pole, aguardaram ordens.

— Vossa reverência recusa-se a dizer o nome dessa mulher?

— Recuso, — respondeu, com dignidade, o franciscano.

A corda de esparto reteve-se; os braços do frade, repulsivos violentamente, estalaram nas articulações; ouviu-se um rugido de dor; — mas logo, a um aceno do notário, a corda afrouxou e os braços pendiam.

— Como se chama essa mulher, frade? — insistiu o inquisidor.

Frei Manoel não respondeu. Mantevose de pé, olhando o tribunal, numa expressão de louco



desfio. Outra vez a corda ranguu e se reteve; outra vez os braços do frade estalaram erguidos a prumo, desarticulados como os de um boneco; outra vez um grito surdo, horrível, resouu nas profundas abobadas; outra vez a corda afrouxou e os braços caíram, inertes, como farrapos.

— Vossa reverência ainda não diz o nome dessa mulher?

— Invente o inferno a maior dor humana — rugiu frei Manoel, vacillante, amparado aos executores — invente a o inferno, que não me arriancará do coração êsse nome!

Então, a um gesto do inquisidor, desamarraram-lhe os pés e as mãos; os dominicanos, nas suas celas, moveram-se, trocando palavras ininteligíveis; por fim, do alto estrado, a mesma voz que batia as silabas como matriças da Semana Santa, ordenou: — Levem-no junto d'esse corpo estendido no chão, levantem o pano que o cobre, e vamos a ver agora se o frade diz ou não diz o nome da mulher que recobria na cela?

Um dos executores obedeceu, acrouse do vulto negro prostrado no lagado, agarrou uma ponta do pano negro, levantou-o num movimento brusco, — e, à luz dos ticocheiros de ferro, um corpo nu de mulher apareceu, branco, mutilado, inanimado, salpicado de sangue, os cabelos espessos, os seios ainda cheios de joias. Ouvira-se um grito. Frei Manoel do Sepulcro tentou erguer os braços desconjuntados; cambaleou; sacudiu a cabeça num desespero de fera moribunda, e pesadamente, desamparadamente, caiu sobre o fudo corpo profanado, bralando, num nível dilacerante:

— Isabel! Isabel! Isabel!

— Logo o inquisidor, voltando-se para o notário, esclareceu:

— E, com efeito, a italiana Isabel Ricci. Pode continuar a leitura do processo.



A estreia mais sensacional da quinzena e, simultaneamente, o maior êxito registado esta época foi «O Médico e o Monstro», um filme de horror que levou ao S. Luís uma multidão de espectadores curiosos e ávidos de comoções.

O filme que Rouben Mamoulian realizou merece, pela sua excepcional categoria, êste triunfal acolhimento. E dizendo isto temos em vista não apenas as suas qualidades como espectáculo, mas também a sua perfeição técnica e o valor da sua original realização.

O romance do popular escritor Stevenson, que serviu de base à composição desta obra não é particularmente notável, se, abstraindo das suas qualidades literárias, considerarmos apenas a acção em que se funda. Mas as suas qualidades espectaculares são incontestáveis e são essas as que podem interessar ao público. Dum modo geral, é uma obra de carácter simbólico em que o desdobramento da personalidade, a oposição entre o bem e o mal, entre a razão e os instintos, são transfigurados em criações fantásticas. O problema metafísico é velho e o simbolismo evidente até para o espectador mais superficial.

Rouben Mamoulian extraiu desta obra um filme notável. Notável como técnica, porque na composição das imagens e, mais ainda, na reprodução dos sons os resultados conseguidos são surpreendentes. Notável também como interpretação, porque soube rodear-se dum excelente grupo de actores e porque encontrou para encarnar êsse papel duplo de homem e de monstro, de anjo e de demónio, um artista incomparável cuja interpretação não pode ser excedida — Frederic March.

E' sobretudo o som, a sua reprodução rigorosa, a sua selecção inteligente, o que mais se luz a nossa admiração. Mesmo passando por sobre as admiráveis sonoridades do órgão e a pureza dos diálogos, encontraremos fartos motivos para essa admiração nos rui-

CINEMA

Revista das estreias

dos de que o realizador soube tirar extraordinários efeitos. Aquela cena da alucinação, por exemplo, no momento da primeira metamorfose do médico em monstro, admirável trecho de fonocinema subjectivo, é um inesquecível conjunto de ruídos. Paralela à sinfonia de imagens confusas e disformes, uma outra sinfonia de sons estranhos se desenvolve, em que o arquejar do médico marca o ritmo da agonia. E a terminar o filme temos ainda o crepitar das chamas cuja intensidade crescente acaba por dominar todos os outros ruídos.

Uma curiosa particularidade se pode observar na realização d'êste filme: De começo o espectáculo é dado subjectivamente. Isto é, a câmara ocupa o lugar do protagonista e o espectador vê o que êle veria. Sucede assim nas cenas iniciais do filme e a acção só é objectivada, isto é, o espectador só recupera a sua qualidade de testemunha afastada, quando a imagem do interprete se projecta num espelho. Há nisto, sem dúvida, qualquer coisa mais do que um estilo — há uma intenção. Intenção que não atinge completamente o seu objectivo por falta de preparação do público e pela curiosidade que a própria novidade provoca, mas que não deixa por isso de ser uma curiosa demonstração do muito que é lícito esperar, neste sentido, do cinema.

Frederic March é o médico e o monstro. A sua interpretação e caracterização são «hors-classe». Renunciamos a classificá-las com os adjectivos que a crítica estafou a elogiar medíandias.

Os restantes actores completam, com equilíbrio, o conjunto. Miriam Hopkins é uma atrizita comovente, vítima do monstro. Interpreta o seu papel com a necessária elevação, e é admirável nas cenas culminantes.

Pode não se apreciar êste género de filmes «à frisson». Mas nem mesmo por isso se deve deixar de ir admirar esta bela produção que, entre as melhores, revela uma inteligente compreensão



das possibilidades e meios de expressão do fonocinema.

E agora queremos referir-nos a Douglas Fairbanks, cuja última produção se estreou há pouco entre nós. O simpático actor do sorriso largo e insinuante não envelheceu sensivelmente. Sentiu-se nele, quando muito, o cuidado de evitar acrobacias que há alguns anos exhibia prodigamente. Mas o seu tempo passou — tal é a impressão triste que se recolhe do seu filme «Um homem de negócios».

Bebe Daniels, a seu lado, não tem papel que convenha ao seu género característico. Por isso a sua interpretação é vulgar, sem relevo.

O argumento, adaptado aos costumes e à ideologia do povo norte-americano, deixa um tanto insatisfeito o espectador português. A realização está quasi sempre à altura do assunto. Só alguns cenários a bordo são dum *chiqué* escandalosamente sensível.

Entre os restantes filmes estreados queremos destacar, apenas pelo interesse com que o público aguardou a sua estreia, a produção «Ufa», «Um homem sem nome».

O entretcho d'êste filme é o relato da tragédia dum gascado da guerra que, tendo recuperado a memória, reaparece no lar onde era tido por morto. A vida dos que lhe pertenceram acha-se reconstituída. Não o reconhecem.

Com algumas variantes, é o tema de «Frei Luiz de Sousa» e de uma longa série de obras. Está longe, portanto, de ser um assunto original. A realização de Gustav Ucicky é medíocre. A interpretação, a cargo de Firmin Gemier, Ferdinand, France Ellys e outros é correcta sem ser notável.

Anny Ondra voltou a aparecer e ainda com o bom êxito das outras vezes. «Anny no Circo» não é melhor nem pior do que os outros filmes desta actriz. Mas isso que é um obstáculo à crítica só tem vantagens para a graciosa Anny.

Manuel L. Rodrigues



Tiês cenas de «O médico e o monstro» recentemente estreado no S. Luís

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

GRETA GARBO
e o seu trágico mistério

nema, anuncia a sua intenção de interpretar no *écran* a figura complexa e difícil de Voltaire.

Eyocar num filme a personalidade do incomparável poeta e prosador francês é tarefa delicada que poucos actores poderiam tentar com êxito. George Arliss reúne, para êsse fim, as melhores condições. Actor de grandes recursos, tem dado as maiores afirmações do seu talento interpretando, para o cinema, figuras célebres. "Disraeli," e "Alexander Hamilton," biografias cinematográficas que interpretou, são filmes que atestam o seu alto valor e as suas felizes disposições para êste género de papeis.



Dorothy Jordan

Anuncia-se a realização dum filme inteiramente original e que vai constituir uma curiosa surpresa se de facto for pôsto em execução.

O argumento é vulgar: um multi-milionário excêntrico decide legar a sua fortuna a nove pessoas designadas ao acaso. Essa circunstância vai dar origem a nove episódios. E aqui começa a originalidade da idéa: êsses nove episódios serão realizados por outros tantos encenadores e grupos de artistas. Cada um dêles trabalhará à parte, como se de diversos filmes se tratasse, e serão mais tarde reunidos na obra definitiva.

Teremos assim occasião de admirar nove maneiras diversas como um realizador pode conceber êste acontecimento — a herança de um milhão de dolares. E as comparações não deixarão, por certo, de ser curiosas.

Continuam, cercados de curiosidade, os trabalhos da filmagem da "A ilha flutuante n.º 1" não responde, a próxima grande super-produção de Erich Pommer, que deve ser apresentada ainda esta época nos nossos cinemas.

É de esperar que com êste filme a indústria

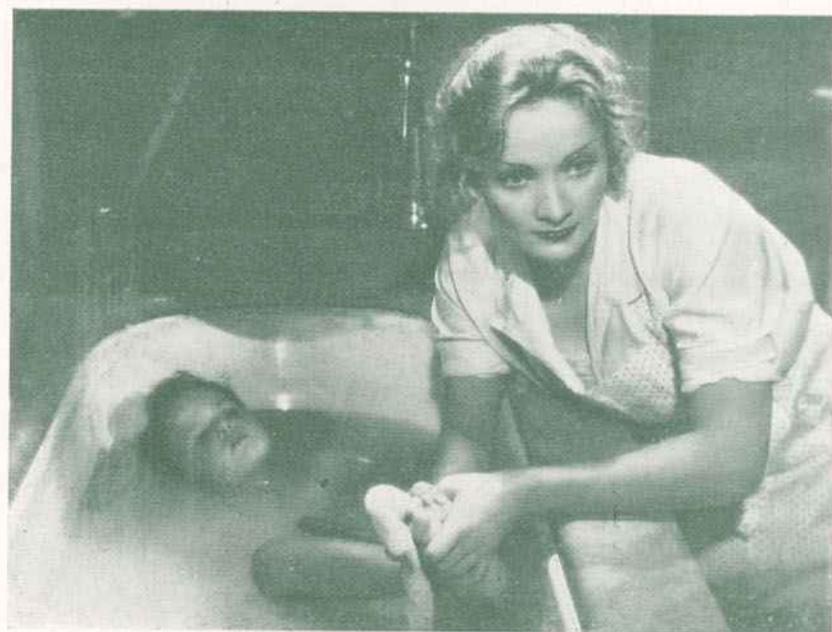
alemã confirme os seus direitos à prioridade num género, de que "Metropolis," é a representação máxima, e que conta grande número de apreciadores.

O argumento desta obra, extraído dum romance de Kurt Siodmak, relata as aventuras ocorridas numa ilha artificial, enorme plataforma flutuante colocada no meio do Atlântico e destinada a servir de ponto de escala nas viagens aéreas entre o velho e o novo continente.

Para a construção da gigantesca plataforma foi escolhida uma ilha — verdadeira, como é natural — situada no Báltico e que se chama Greiswalder Oie. É uma nesga da terra que mede de comprimento um escasso quilómetro e meio, e que a Alemanha comprou há um século por 52.000 marcos. A sua população não excede duas dúzias de pescadores de arenques, agrupados em torno do farol, único factor da civilização que ali chegara até agora.

A escolha dêsse lugar êrmo veio, como se imagina, revolucionar a pequena ilha. Realizadores, operadores, electricistas, operários e artistas invadiram a ilha, onde a plataforma de ferro, destinada a representar a grande estação aérea do Atlântico, foi assente. Sobre êsse solo artificial vai desenrolar-se a acção. Jean Murat, que interpreta a versão francesa, é quem comanda a ilha flutuante, que uma revolta da sua população teria feito desaparecer no fundo do oceano se Charles Boyer, aviador, não se sacrificasse para a salvar. Daniela Porola, a graciosa actriz, interpreta o principal papel feminino e gira em seu torno a inevitável história de amor.

Tal é o filme que Erich Pommer prepara e que, dentro de muito pouco tempo, os cinemas de Lisboa exhibirão para satisfação de todos os que apreciam a elevada qualidade do cinema fantástico alemão.



Marlene Dietrich numa cena do seu último filme, "A Venus Lovers"

Norma Shearer

EM volta da figura de Greta Garbo, essa grande actriz que parece agora disposta a renunciar à celebridade e à Arte, todo o Mundo se ocupou largos anos em tecer uma lenda brumosa, como as da fria Suécia.

O que sobre essa mulher enigmática se escreveu encheria volumes. Todos pretendiam ler do seu drama íntimo — se é que drama havia — uma versão mais exacta, mais minuciosa. E os anos decorreram sem que a verdade, intuitiva e fácil, houvesse ocorrido a alguém.

Falou-se muito da sua frieza, da sua gélida indiferença ante as paixões que despertou. Seria, de facto, insensível ao calor duma paixão veemente o coração dessa mulher que tão admiravelmente interpretou as mais ardentes cenas de amor?

Um dia o mistério quebrou-se. A verdade surgiu simples e transparente, tão clara e lógica que ninguém dos que a rodeavam a haviam sabido adivinhar. Greta Garbo era, na intimidade a viúva de Maurice Stiller, o jovem realizador sueco que a lançou no caminho da glória, para morrer pouco tempo após, ainda em plena mocidade, quando a vida lhe era mais cheia de promessas.

A vida foi cruel para êsses dois artistas de eleição. Separou-os quando se entregavam à felicidade dum verdadeiro amor. E o seu casamento, que havia sido secreto, secreto continuou a ser, após a morte de Stiller.

Rompeu-se, portanto, a lenda em que a curiosidade indiscreta do público envolvera a grande actriz sueca. Mas a sua bela figura nada perdeu com isso. Em troca do veu enigmático que a cobria, tem agora a cercá-la a auréola de martírio duma grande amorosa.

E o seu perfil de artista ganha com isso novos aspectos de beleza. — M. R.

George Arliss, o grande actor inglês, durante muito tempo considerado como a maior revelação do fonocí-

CINEMA

A colaboração do filme
no Teatro Moderno

Não é recente a ideia de aplicar à encenação teatral os enormes recursos da projecção animada. Em Portugal e no estrangeiro, muitos são já as obras teatrais em que essa aplicação foi realizada com êxito. E entre as que conhecemos, poderemos citar «O Leão da Estréla» e «O Ciclone», que nessa colaboração entre o cinema e o teatro buscaram o desenvolvimento da sua acção.

A introdução do filme no espectáculo teatral, se em nada interessa à cinematografia, tem por outro lado extraordinário alcance no que respeita à arte do palco. Vastíssimas perspectivas se oferecem ao encenador e ao dramaturgo pela aplicação sensata desse elemento de imensas possibilidades. Porque tudo o que está fóra do alcance reduzido da técnica teatral, pode ser realizado pela arte maravilhosa das imagens animadas.

O que neste sentido se tem feito, sobretudo no estrangeiro, é pouco em face do muito que será possível conseguir no dia em que o princípio, saindo do domínio das tentativas, encontrar a sua aplicação sistemática no palco. O dramaturgo verá então imensamente dilatados os limites impostos à sua acção. O cinema, sob a forma dum filme curto exibido nos entreactos, fornecer-lhe-á o meio de encadear a acção da sua obra, sem ter para isso de recorrer a tradicionais expedientes. E ainda como complemento da própria cena exibida no palco, proporcionar-lhe-á o meio de introduzir na realidade objectiva do tablado, um factor artístico do mais alto valor — o fantástico, elemento subjectivo de que só a luz, pelo seu carácter impondável, pode dar condigna representação.

Também para o encenador teatral numerosas possibilidades resultam duma colaboração entre o filme e o teatro. Habilmente utilizado, a projecção pode constituir o cenário ideal, transformável e ilimitada como é, por natureza. Certos cenários, como a vista dum porto de mar, duma praia, duma artéria movimentada, só podem mesmo ser apresentados com o auxílio duma projecção cinematográfica, se se quiser fugir ao intolerável convencionalismo das imagens pintadas em lona.

A utilização destes processos faz, porém, sur-

gir grande número de dificuldades técnicas de difícil resolução. Assim, a coloração do filme deve ser perfeita, o que não pode ainda hoje ser facilmente conseguido. Além disso a transição da cena real para a cena projectada tem de se fazer insensivelmente para que a ilusão que se pretende criar não seja anulada pelo contraste. Um delicado emprego de luzes se torna para isso necessário, e dele dependerá o êxito da tentativa.

Também a projecção propriamente dita suscita importantes dificuldades. O projector não poderá ser colocado em face do *cran*, e, portanto do lado do público, como sucede no cinema. Para que a ilusão seja perfeita, é necessário que a projecção se faça do fundo do palco para a plateia, o que levanta complicados problemas técnicos. O *cran* terá para isso de ser translúcido e é indispensável que cousa



Jacque, a mais moderna artista da «Panáthos». Em cima: Jacque e o seu companheiro «Spanky»

alguma se interponha entre elle e o feixe luminoso que desenha a imagem. A falta de espaço constitue nestes casos obstáculo grave e para a remediar recorre-se em geral á projecção indirecta através de espelhos dispostos nas posições mais convenientes.

Nenhuma das dificuldades que se opõem nesta colaboração íntima do filme no espectáculo cinematográfico é, contudo, invencível, e tanto assim que, diversas tentativas têm já sido postas em prática com os mais animadores resultados.

Falkenberg, célebre encenador teatral alemão,

foi um dos que primeiro souberam compreender os grandes recursos que a cinematografia oferece á sua arte. Na montagem de *Cyankali*, uma peça de Friedrich Wolff, fez projectar no fundo da cena aspectos das ruas populosas em que a acção decorre. A projecção cinematográfica fundia-se sem transições bruscas na cena sombria e o resultado obtido era, segundo se diz, surpreendente.

Um processo semelhante tem sido utilizado por outros encenadores e entre os melhores effectos obtidos cita-se a ópera *Verze* em que a mutação de cenários se fazia em face do público. As imagens projectadas transformavam-se lentamente ao mesmo tempo que os outros acessórios do cenário eram rapidamente substituídos.

Devemos reconhecer que a aplicação do filme á scena teatral não é ainda viável entre nós. As dificuldades técnicas que suscita são, como já dissemos, enormes. Não só as dimensões dos nossos palcos não permitem grandes montagens como a própria realisação dos filmes adequados, de colorido exacto, não pode ser tentada em Portugal. Contudo, o problema duma estreita colaboração entre as duas artes é tentador e isso nos levou a apreciá-lo nestas colunas.

Das imensas conseqüências dessa invocação na técnica teatral não é lícito duvidar. Por ela o cinema adquirirá o dinamismo que lhe falta e que a maquinaria rudimentar do teatro lhe não pode dar. Aproximar-se-á mais, assim, da vida real, ganhando ao mesmo tempo novos poderes de expressão dramática.

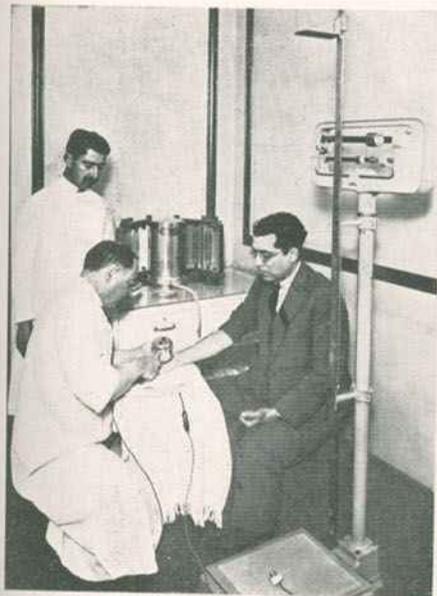
Não é, de resto, contrária aos preceitos estéticos da arte a colaboração oferecida pela projecção. O teatro, como arte dependente de muitas outras artes ordinárias, só pode lucrar com o emprego desse novo elemento.

A tudo isto responderão, talvez, dramaturgos e encenadores que o teatro não tem vantagem em invadir os domínios de artes estranhas e que o género que melhor lhe convém — o psicológico — não necessita de recorrer aos artificios duma complicada encenação. É com tudo inevitável reconhecer que as artes evoluem e que a necessidade de dinamismo foi de há muito sentida pelos realizadores, como o atestam os palcos giratórios dos grandes teatros. O cinema é uma contribuição preciosa que seria ilógico desprezar. A sua colaboração com o teatro,

dentro duma técnica perfeita, pode mesmo criar um novo género de espectáculos, uma modalidade nova do teatro que não estará deslocada no nosso tempo.

Estamos longe de imaginar que aspectos vestirá no futuro essa modalidade que apenas algumas tentativas deixam por ora entrever.

Afigura-se-nos ser esta a única via de evolução oferecida á arte teatral, de que há a esperar extraordinários resultados no dia em que realizadores e encenadores se dispuserem a pôr de lado uns quantos preconceitos.



José Pontes

na educação nacional
e médico ilustre
da reeducação física

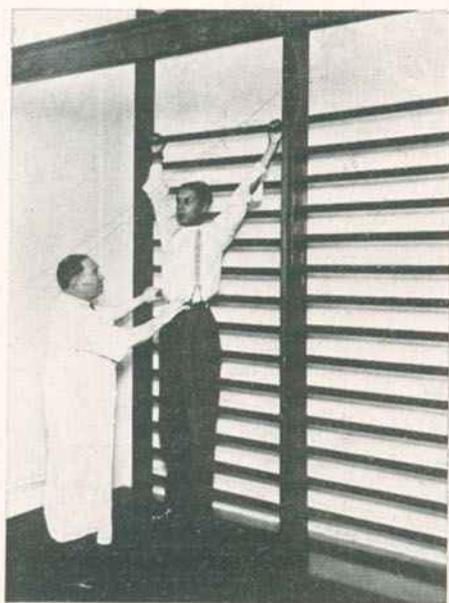
teresse que marca a maior parte da sua acção clínica, o dr. José Pontes é tão grande, nacional e internacionalmente, que ainda há meses, quando da sua última viagem patriótica de propaganda, Gand proclamava-o seu cidadão honorário, com todos os direitos de cidadão belga, e os seus amigos belgas, muitos e da maior cotação social, literária e industrial, reclamavam-no para si e queriam-no para si.

Igualmente acarinhado na França e na Inglaterra, em toda a parte onde surge a sua figura alegre, movimentada e simpática e a sua palavra fluente e convincente, podia o dr. José Pontes, muito melhor e com muitos, maiores e mais fortes motivos, ter criado em sua volta um concerto estridente de reclamo, como outros sem as suas qualidades, sem a sua influência e sem serviços de utilidade positiva, tem feito. E — caso curioso — o dr. José Pontes, que dispõe de faculdades brilhantes de propagandista, tendo passado grande parte da sua vida a elevar os outros, a elevar regiões, a lançar empreendimentos de toda a natureza, em reclamos prodigiosos de técnica e de eficácia, sempre dentro da mais absoluta isenção e desinteresse, nunca usou para si, para seu proveito, esse dom.

Interessou-se sempre pelas questões de educação física e reeducação metódica, paralelamente com a da pedagogia, tendência que, tornando médico, veio a ser a orientação da sua especialidade.

Na parte ginástica, foi instrutor do grande e falecido professor Luís Monteiro, modificando-lhe, em bases novas o método que até então se seguia; dirigiu, no Ginásio Club, uma secção de cultura física, pelos métodos mais em foco no tempo, os de Debonet e Dalbane; e mais tarde, quando se tratou da introdução da ginástica sueca, novamente instruiu Luís Monteiro em anatomia e ginástica de movimentos. Na sua secção de cultura física tomaram parte pessoas das melhores categorias sociais.

Dirigiu também no Ginásio Club, um curso livre, de anatomia e mecânica de movimentos, especialmente destinado a professores de gim-



nástica, tendo realizado uma larga e proveitosa série de lições.

Também na Amadora montou e dirigiu, por alturas de 1913-14-15, um curso de ginástica (bas: sueca) movimentos e aplicação, para adultos, em que teve como alunos médicos, professores de medicina, literatos, comerciantes, jornalistas, industriais, advogados, etc.

Tudo isto foi feito — é agradável recordá-lo a cada momento — com desinteresse, em cursos e instruções absolutamente gratuitos. O professor era guiado só pela sua fé e apostolado.

Hoje, José Pontes, dedica-se de corpo e alma, ao seu consultório — na Avenida da Liberdade — onde tem operado verdadeiras maravilhas de reeducação.

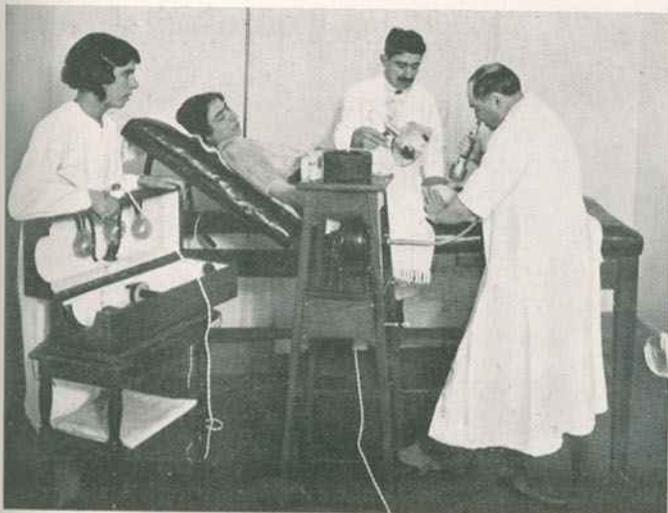
Uma simples relação das suas especialidades: Consultório de terapia pelos «agentes físicos» — luz, calor, ginástica médica, maçagem — Reeducação metódica, motora e física, e sua aplicação à terapêutica das doenças nervosas.

Fazer todos os tratamentos, hoje múltiplos e maravilhosos da ciência kinesiterápica.

Maçagem de: entorses; luxações; fracturas; anquiloses; contusões; ruturas musculares; derrames articulares; artrites; atrofia e contractura de músculos; lombagos; miosites; celulites; nevralgias; nevrites; sciática paralisia; poliomiélites; nevroses e psico-nevroses; abdomem; obesidade. Luz branca, azul, vermelha, infra-vermelha, ultra-violeta. Sismoterapia (vibração). Alta frequência.

Há uns bons trinta anos, pelo menos, agita-se, movimenta-se e multiplica-se em iniciativas utilíssimas ao país um homem que nunca se preocupou em ser útil a si mesmo. Entusiasmado-se por uma propaganda regional ou nacional, compadecendo-se do infortúnio alheio ou apostolando a educação física e os desportos, esse homem tem prestado serviços de excepcional valor, esquecendo-se muitas vezes de cuidar de si. Quando quasi todos os grandes empreendimentos com rótulos de humanitários ou patrióticos trazem através deles um segundo sentido de notoriedade, batida em bom, forte e sonoro réclamo pessoal; quando muitas propagandas são realizadas à caça da benesse ou no goso de regaladas e bem subvencionadas viagens, assume proporções de inacreditável excepção um homem que tenha levado o melhor da sua vida a trabalhar na beneficência, na educação nacional e na propaganda do país, com isenção absoluta; maiores proporções, ainda, quando se saiba que esse homem, tendo levado por muitas vezes ao estrangeiro o elogio da sua terra em conferências notabilíssimas, o tem feito exclusivamente à sua custa, sem uma subscrição, sem qualquer espécie de auxílio oficial.

Propagandista de Portugal, apóstolo da puericultura, impulsionador e orientador da educação física e dos desportos, organizador perfeito de todas as representações olímpicas portuguesas, verdadeiro sacerdote da medicina, pelo desin-



Festas de caridade

Para o proximo inverno estão já em preparação várias festas de caridade, a que decerto estará reservado um grandioso êxito, entre as quais um grandioso baile em um dos mais aristocráticos clubs da capital, onde o inverno passado se realizou uma festa que marcou não só pela animação que revestiu, mas sobre tudo pela sua freqüência.

Na Costa do Sol

As festas na Costa do Sol, prosseguem quasi que quotidianamente: são os jantares do Estoril-Palácio-Hotel, são os bailes do Casino Estoril, e são as manhãs elegantes da Explanada Tamariz, que continuam marcando pela elegância, pois em se anunciando festa em qualquer destes pontos da Costa do Sol, é certo que a nossa primeira sociedade dá ali ponto de reunião.

Durante o inverno que começa, realizar-se-ão na Costa do Sol, grande número de festas que estão em preparação, e às quais em breve nos referiremos detalhadamente.

Casamentos

Na Lousã, realizou-se com muita intimidade, na Igreja Matriz, o casamento da sr.^a D. Maria Leonor da Silva Lobo Reis, gentil filha do illustre pintor sr. Carlos Reis, com o sr. Albano Portocarrero de Almeida Coutinho, filho da sr.^a D. Maria Guedes Portocarrero de Almeida Coutinho e do sr. dr. Albano Guedes.

Fôram madrinhas a cunhada da noiva sr.^a D. Maria da Silva Lobo Reis e a mãe do noivo e de padrinhos os pais dos noivos.

Celebrou o acto religioso, o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido no salão de meza da encantadora vivenda do Casal da Lagartixa, residência do pai da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para a quinta da Pena Joia, no Douro, propriedade dos pais do noivo, onde fôram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artisticas prendas.

— Na capela particular da Casa da Veiga, em Guimarães, residência da sr.^a D. Helena de Soto Maior Felgueiras Cardoso e Meneses e do sr. João Cardoso Martins de Meneses (Margaride), realizou-se o casamento da sua gentil filha D. Matilde, com o capitão de engenharia sr. Luís Teles de Meneses Corrêa Acciaoli, filho da sr.^a D. Matilde Corrêa Henriques de Meneses Acciaoli; já falecida e do coronel sr. Júlio Corrêa Acciaoli de Meneses.

Serviram de madrinhas as irmãs da noiva Viscondessa de Pindéla e D. Ana Felgueiras Cardoso de Meneses de Almeida Campos e de padrinhos o pai e o irmão do noivo sr. Júlio Teles de Meneses Corrêa Acciaoli.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa, um finíssimo lanche, recebendo os noivos grande número de valiosas e artisticas prendas.

— Realizou-se na Basílica da Estréla, o casamento da sr.^a D. Helena Marques Gomes, interessante filha da sr.^a D. Adelaide Marques Gomes, e do sr. José do Sacramento Gomes, com o alferes de Caçadores 5, sr. João Augusto de Sousa Cerejeiro, filho da sr.^a D. Rosalina da Silva Cerejeiro e do tenente-coronel sr. Miguel Augusto de Sousa Cerejeiro, já falecido.

Fôram madrinhas as sr.^{as} D. Josefa Maria Marques Serra Fernandes, tia da noiva e D. Ma-



A sr.^a D. Maria Lemos da Silva Lobo Reis e o sr. Albano Portocarrero de Almeida Coutinho, por ocasião do seu casamento, realizado na Lousã, no dia 29 de Outubro último

VIDA
ELEGANTE

ria Olinda Salter de Soisa Cid de Sousa, prima do noivo e padrinhos os srs. Agapito Serra Fernandes, tio da noiva e Miguel Afonso Carvalho de Sousa, primo do noivo.

Celebrou o acto religioso, o reverendo prior da Lapa, Monsenhor Domingos Nogueira, que antes da missa fez uma brilhante alocução. Durante o acto foram executados por uma orquestra de arco, vários trechos de música sacra.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos tios e padrinhos da noiva, à Graça, um finíssimo lanche da «Versailles», seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

— Sendo celebrante o reverendo Bráulio Guimarães, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Salomé Guerreiro Marques; interessante filha da sr.^a D. Berta Guerreiro Marques e do clínico em Viana do Alentejo, sr. dr. António José Marques, com o sr. João de Sousa Faria e Melo, filho do sr. António de Sousa Faria e Melo.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Ana de Oliveira Guerreiro, avó da noiva que se fez representar por sua filha a sr. D. Berta Izilda Guerreiro de Sousa e D. Alice Piçarra Fernandes Cabral, prima do noivo, e de padrinhos os srs. Conselheiro Fernando de Sousa, tio da noiva e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia religiosa foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artisticas e valiosas prendas, para Viana do Alentejo, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu neto, o sr. Nuno da Costa Alves, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Ernestina Alves da Fonseca Carneiro, a sr.^a D. Mercêdes Vaz Ferreira de Andrade, gentil filha da sr.^a

D. Izaura Adelaide Vaz de Oliveira Ferreira de Andrade e do sr. Manuel Lo es de Andrade, secretário da Tutoria da Infância de Lisboa, e irmã do chefe da redacção da *Ilustração* sr. Álvaro de Andrade.

A cerimónia deverá realizar-se por todo o próximo ano.

— Realizou-se na paróquia de Santo António do Estoril, o casamento da sr.^a D. Maria Amélia Lapa Salêma de Carvalho, interessante filha da sr.^a D. Edith Lapa Salêma Vieira Pinto e do sr. Mário Saraiva de Carvalho, com o sr. Valentim José Rodolfo Hofacker de Mozer, filho dos srs. Condes de Mozer.

Fôram madrinhas as irmãs da noiva sr.^{as} D. Maria Teresa e D. Maria de Lourdes Lapa Salêma de Carvalho e padrinhos os tios do noivo srs. Eduardo e Hermann Frederico de Mozer.

Findo o acto religioso, que foi celebrado pelo reverendo prior Monsenhor José Moita, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, os noivos partiram para a propriedade da Charneca, onde foram fixar residência.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artisticas prendas.

— Na paróquia igreja das Chagas, realizou-se o casamento da sr.^a D. Silvíia do Carvalhal Simões Soares, gentil filha da sr.^a D. Cândida Carvalhal Simões Soares e do general Daniel Telo Simões Soares, com o alferes sr. Joaquim Manuel da Costa Junior, filho da sr.^a D. Maria Adelaide da Costa e do sr. major Joaquim Manuel da Costa.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Carolina de Oliveira e D. Ana Luisa Lopes e de padrinhos os srs. José Antunes de Oliveira e o general Anibal Botelho.

Terminada a cerimónia, foi servido na elegante residência dos pais, um finíssimo lanche da «Versailles» seguindo os noivos depois para Évora, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artisticas prendas.

— Acaba de se ajustar oficialmente no Brasil, o casamento da sr.^a D. Aurora Guimarães Rosa, senhora pertencente a uma das mais distintas famílias de São Paulo, com o distinto clínico português sr. dr. José Troncho de Melo.

— Numa das salas da residência do sr. Francisco Brederode Smith, armada em capela, realizou-se o casamento de sua filha D. Emília de Brederode Smith, com o sr. Jorge Monteiro Consiglieri Pedroso, filho da sr.^a D. Matilde Monteiro Consiglieri Pedroso e do sr. Henrique Elder Consiglieri Pedroso, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Ferro Rucherbuck Vilar e D. Gertrudes Augusto Elder Consiglieri Pedroso e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Fernando de Brederode.

Foi celebrante o reverendo prior de Carnide, sr. dr. Francisco Baptista, que fez aos noivos uma brilhante alocução.

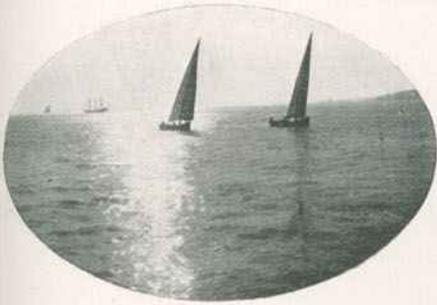
Finda a cerimónia religiosa, que teve um carácter, muito íntimo, foi servido um lanche.

Aos noivos foram oferecidas lindas e artisticas prendas.

Baptisados

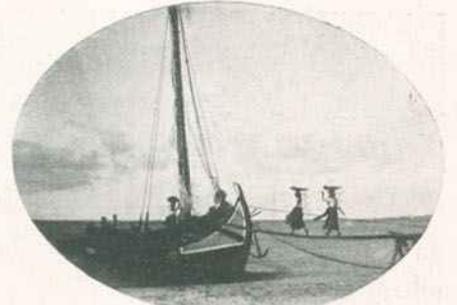
Na paróquia de Santo António do Estoril, realizou-se o baptisado da menina Margarida, gentil filhinha da sr.^a D. Bertriz de Santa Rita Nunes da Silva e do sr. Luís Nunes da Silva.

Fôram madrinha a sr.^a D. Maria Emília da Silva Corrêa e padrinho o capitão aviador sr. Carlos Abrantes Pedroso.



575 — BARCOS FLUCTUANDO — (Foto da sr.^a D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)

Concurso Fotográfico
entre amadores
organizado pela
ILUSTRAÇÃO



576 — NA DESCARGA... — (Foto da sr.^a D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)



577 — PERCORINAÇÃO — (Foto do sr. José Guerreiro Abaim — Pias — Alentejo)



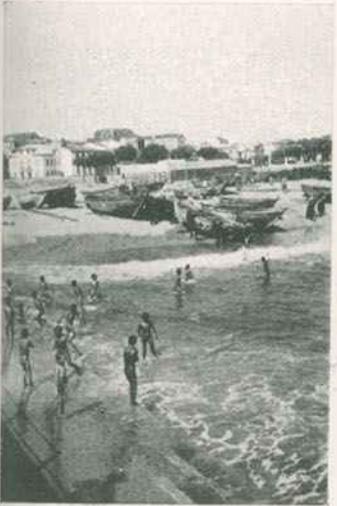
578 — LAGO TRANQUILO — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)



579 — PROCISSÃO — (Foto da sr.^a D. Maria Amélia Pereira — Lisboa)



580 — EH LÁ!... RAPAZ! — (Foto do sr. Rui Manuel — Santa Comba Dão)



581 — FILHO DE DEIXE... — (Foto do sr. Manuel Bragança — Felgueiras)



582 — DESCANÇANDO... — (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Pórtó)



583 — GUARDA-FIOS — (Foto do sr. Alvaro Duarte F. Brito — Leiria)



584 — GEMEX — (Foto do sr. Francisco Suspiro — Coimbra)



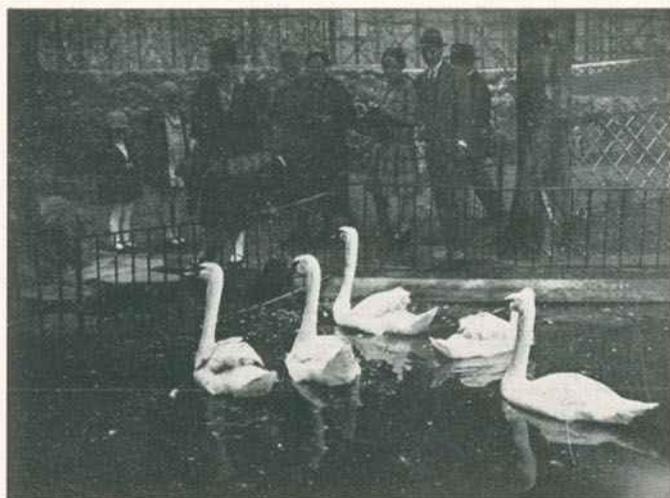
585 — INVERNO — (Foto da sr.^a D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)



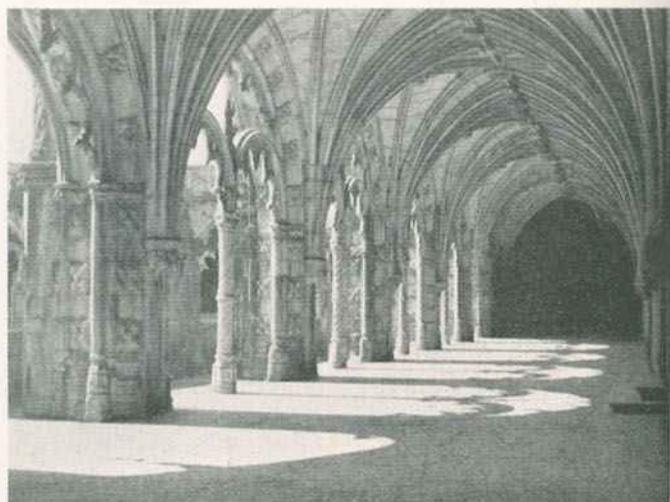
586 — NEVE — (Foto do sr. Adelino Carvalho — Guarda)



587 — PICNIC — (Foto do sr. M. Baptista — Loandj)



588 — VENDO OS CISNES — (Foto da sr.^a D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)



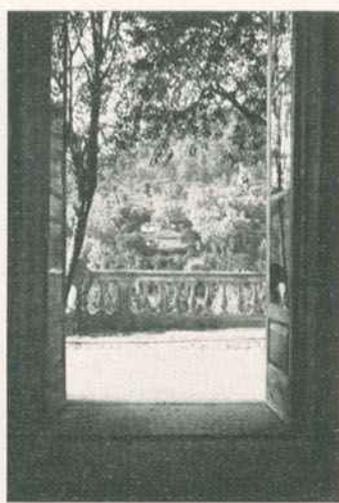
589 — EFEITO DE LUZ NOS JERÓNIMOS — (Foto do sr. J. M. — Lisboa)



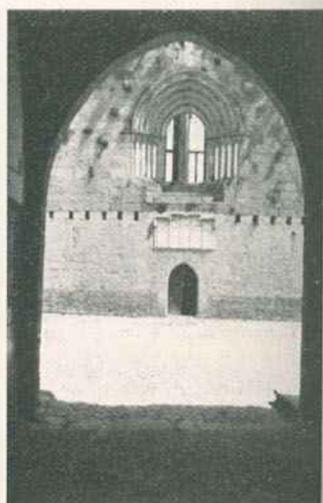
590 — SOL ARDENTE — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)



591 — TEMPO DE VACACÕES... — (Foto da sr.^a D. Herminia A. C. Pires — Vizeu)



592 — CALDELAS — (Foto do sr. João Rosa — Lisboa)



593 — GUIMARÃES — (Foto do sr. João Rosa — Lisboa)



594 — QUEDA D'ÁGUA — (Foto do sr. António Silva Salavisa — Castelo Branco)



595 — LOURDES-CALVAIRO — (Foto do sr. Ceçar Costa — Chaves)



596 — BUFALOS MANSOS — (Foto do sr. António Macedo — Timor)



597 — MERCADO — (Foto do sr. dr. Jaime Graça Messines — Algarve)



598 — PASSEIO — (Foto do sr. Manuel Alves Sereno — Coimbra)



599 — NEVE! — (Foto do sr. Artur Santa Barbara — Lisboa)



600 — MARSELHA — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)



601 - BUCOLICA - (Foto do sr. Georgino da Nova - Lisboa)



602 - FOZ PORTO - (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz - Porto)



603 - POUSA - (Foto do sr. Adelino Xavier Esteves - Porto)



604 - PARA O JANTAR... - (Foto do sr. Idevor Pedro de Mendonça - Borba)



605 - TRECHO DO NARÃO - (Foto do sr. E. Peironilho - Constanta)



606 - CARREIRO - (Foto do sr. Reis Gonçalves - Lisboa)



607 - RUINAS - (Foto do sr. Reis Gonçalves - Lisboa)



608 - MARIÁ - (Foto do sr. Reis Gonçalves - Lisboa)



609 - PASTANDO - (Foto do sr. Raul Lemos - Abrantes)



611 - NA VIDA DUMA MULHER... - (Foto do sr. dr. Antonio Horta e Costa - Lisboa)



612 - BARQUEINHOS - (Foto do sr. Manuel Alves Sereno - Coimbra)



610 - O MAR É NOSSO IRMÃO - (Foto do sr. M. D. - Aveiro)



613 - VALBOM - (Foto do sr. Ruy Senna Pereira de Lacerda - Lisboa)



614 - GUIMARÃES - (Foto do sr. João S. da Silva Ribetto - Guimarães)



615 - CONTEMPLANDO O MAR... - (Foto do sr. José P. Fernandes Junior - Abrantes)



616 - VAL MACIEIRA - (Foto do sr. Reis Gonçalves - Lisboa)



617 - SERRA DA ESTRELA - (Foto do sr. Julio Marques d'Almeida - Covilhã)



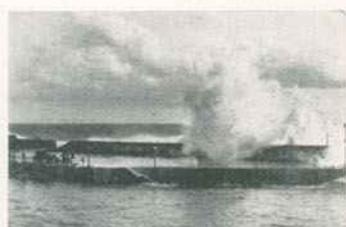
618 - S. ROMÃO - (Foto do sr. Antero Baldaia - Oliveira de Azeméis)



619 - A FONTE - (Foto do sr. António da Silva Salavisa - Castelo Branco)



620 - FOZ DO DOURO - (Foto do sr. João Rosa - Lisboa)



621 - NO MOLHE-CAIS - (Foto do sr. Frederico Lopes - Açores)



622 — JANGADA — (Foto do sr. A. Vale — Loanda)



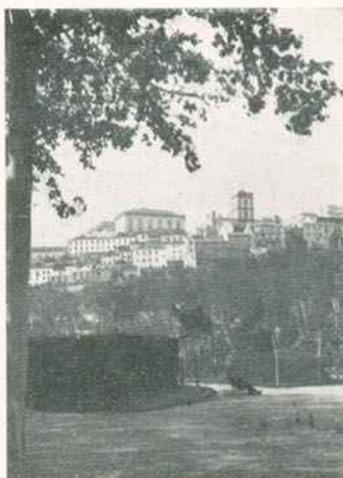
623 — ERMIDA — (Foto do sr. Gil Braga — Prado)



624 — JOGANDO — (Foto do sr. Luiz Albino Figueira — Ourique)



625 — RIO DANDE — (Foto do sr. A. Vale — Loanda)



626 — COIMBRA — (Foto do sr. A. Fernandes Lobo — Lisboa)



627 — CALDAS DAS TAIPAS — FONTE DE BRITO — (Foto do sr. Guilherme Pereira de Carvalho — Lisboa)



628 — MARRUCOS — (Foto do sr. João Santos Mendonça — (Josame) — Faro)



629 — TENHO UMA SÓGA NO PRITO... — (Foto do sr. Carvalho Subtil — Lisboa)



630 — PAISAGEM — (Foto do sr. Antonio Silva Salvisia — Castelo Branco)



631 — ECUSAS — (Foto do sr. Gualdino Pereira — Guimarães)



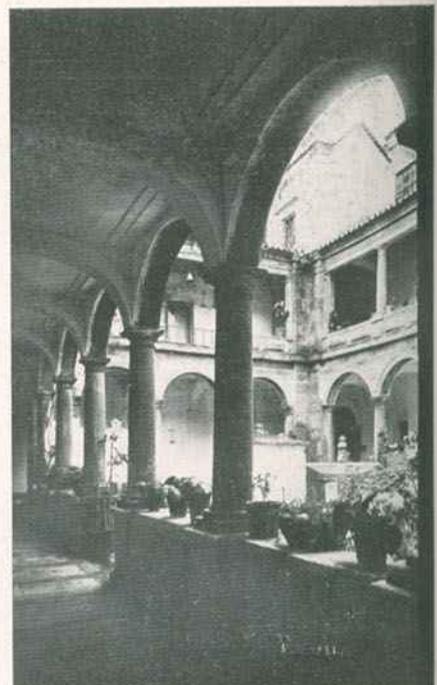
632 — INTERIOR DA EGREJA DE SANTA CRUZ — (Foto do sr. Edgar dos Santos — S. Pedro do Sul)



633 — A BERULHA DO TRIGO — (Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)



634 — PASTANDO NAS MARGENS DO RIO XEVORA — (Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)



635 — CONVENTO DO CALVARIO — (Foto do sr. Mario da Gama Freixo — Évora)



636 — VISTA DO PARQUE — (Foto do sr. Adalberto G. Carvalho — Paranhos da Serra)



637 — PRAIA DA POVOA DO VARRIM — (Foto do sr. Mario Reis Matos — Guarda)



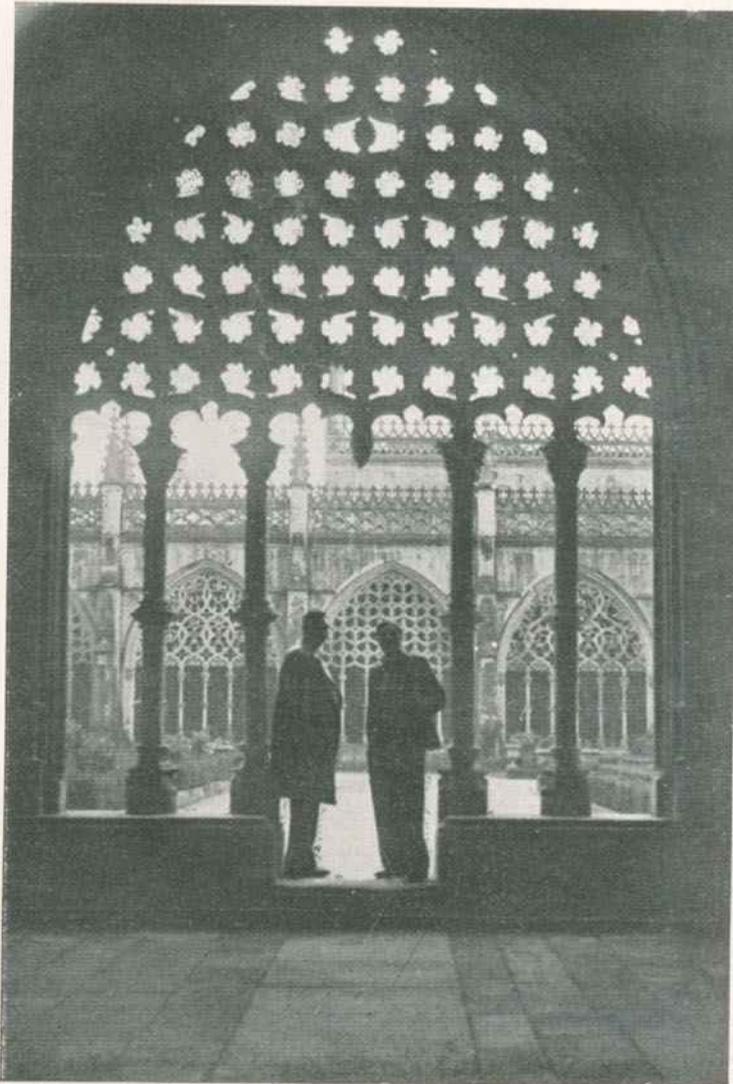
638 — AMIGOS... REGULARES — (Foto do sr. Gil Braga — Prado)



639 — NO ARRIVAL — (Foto do sr. Joaquim Teixeira — Lisboa)



640 — LANÇANIAS I — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)



642 — BATALHA — (Foto do sr. João Saraiva de Carvalho — Gouveia)



643 — PORTÃO EM RUINAS — (Foto do sr. Alberto Lemos — Horta)



641 — PINHEIROS — (Foto do sr. Alvaro Vieira da Silva — Caramulo)



644 — NA FONTE — (Foto do sr. Manuel Alves Serceno — Coimbra)



645 — CARRO DE BOIS (MADÉIRA) — (Foto do sr. Antonio Lopes Correia do Inso — Lisboa)



646 — POLANA (LOURENÇO MARQUES) — (Foto do sr. Antonio Lopes Correia do Inso — Lisboa)



647 — OS NOSSOS PECADOS... — (Foto do sr. Augusto Severino — Figueiro dos Vinhos)



648 — PÓR DO SOL — (Foto do sr. José Paulo Fernandes Junior — Lisboa)



649 — NEVE EM DAVOS — PLATZ — (Foto da sr.ª D. Judith Carvalho Bastos — Lisboa)



650 — CADERÇO DA VELHA — (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)



651 — MOINHO EM AVINTES — (Foto do sr. Armando Leça — Matozinhos)



652 — MILHO NAS EIRAS — (Foto do sr. Manuel Abreu — Coimbra)



653 — POÇO DO INFERNO — (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)



654 — PESCARIA — (Foto do sr. Adelino Semedo Barata — Idanha-a-Nova)



655 — FONTE — (Foto do sr. João P. Menção — (Josame) — Faro)



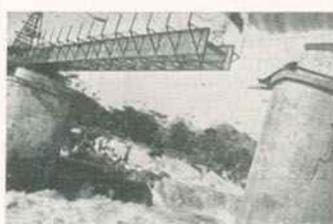
656 — PONTE DE VALENÇA — (Foto do sr. Eduardo F. Duque — Vila Nova de Gaia)



657 — RIO QUANZA — (Foto do sr. A. Vale — Loanda)



658 — DÁR DE COMER... — (Foto do sr. Abel Pereira da Silva — Lisboa)



659 — TRABALHANDO NA PONTE — (Foto do sr. A. Vale — Loanda)



660 — JOGANDO NA PRAIA — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)



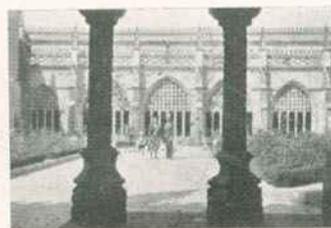
661 — PONTE VELHA — (Foto do sr. Antero Baldala — Oliveira de Azeméis)



662 — RIO VIZÉLA — (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)



663 — LUZ, ÁGUA E REFLEXO — (Foto do sr. Alvaro da Silva Neves — Coimbra)



664 — NO CLAUSTRO — (Foto do sr. Julio Calheiros Mendes de Abreu — Ceia)



665 — CASTELO DE CÉZIMBRA — (Foto do sr. Gualdino Pereira — Guimarães)

VIDA FEMININA

PARA todos os portugueses é uma satisfação sem igual, a visita à exposição industrial do parque Eduardo VII. Eu não posso crer que haja alguém que visite essa exposição e que não sinta um íntimo orgulho, ao ver a modificação que se tem dado na nossa indústria. Para muitos é uma verdadeira revelação, porque pessoas havia, que por completo desconheciam que em Portugal se produzisse tanto, no campo industrial, tanto e tão bom.

Há mesmo ramos de indústria como a ourivesaria, que rivalisa, se não supera o que se faz de melhor no estrangeiro. Essa satisfação mais forte é ainda para as mulheres, porque a mulher é sempre por instinto mais nacionalista, mais agarrada ao torrão natal, do que o homem, para ela é sempre mais doloroso o emigrar, talvez porque o seu sentir é mais afectuoso e dedicado e por tanto compreende-se também que ela tenha pela pátria uma maior ternura, um maior apego, que faz com que, também sinta mais intensamente os triunfos do seu país. Este sentimento não é exclusivo da mulher portuguesa, é da mulher de toda a parte.

Reparem como sempre os filhos de uma mulher de outro país, têm um culto especial pelo país materno, uma atracção inexplicável, que demonstra bem a influência da afectividade da mulher pelo seu país natal. A mulher portuguesa deve pois, sentir-se orgulhosa de ver o desenvolvimento industrial do seu país. E deve compreender que dela, e muito, depende que esse desenvolvimento seja cada vez maior, comprando de preferência os artigos nacionais. Acabando de vez com esse snobismo ridículo e até criminoso, que faz com que muita gente prefira sempre comprar os artigos estrangeiros sob o pretexto de que entre nós nada se fabrica de bom. Esse pretexto cai pela base ao observarmos os vários "stands", tão bem guarnecidos de lã perfeitas coisas. Em cristais, em loiças, em tapetes e mobiliário há ali do melhor e de esplêndido gosto. Em vestuário, em calçado, em artigos de "toilette", nós vemos, que nos podemos fornecer no nosso país de tudo o que precisamos, e é essa uma obra de patriotismo a que mulher nenhuma deve faltar. E devemos pensar que em todos os países se está fazendo uma obra de patriotismo económico e é esse o verdadeiro, porque já passou a época do patriotismo teórico e romântico, que se comprazia apenas em tiradas líricas, em discursos ócos e sem proveito. O ser bom patriota é contribuir para o desenvolvimento económico do país, quer produzindo mercadorias de valor, seriamente apresentadas, quer fazendo com que a indústria progreda preferindo sempre os artigos nacionais e acabando com a mania de que só o que é estrangeiro é que é bom. Em Inglaterra por toda a parte se vêem letreiros que dizem: "Buy British". E aqui devíamos fazer o mesmo, muito mais agora, que a exposição nos vem provar, que só derrotistas podem continuar a afirmar, que nada temos e que nada produzimos. Temos uma indústria em progressão, e, temos coisas tão boas como as estrangeiras, que por patriotismo, devemos sempre preferir a todas as outras. A mulher incumbe esse simpático papel de propaganda nacional e de proveito económico. De momento que temos coisas nossas boas, são essas as que devemos escolher.

Maria de Eça



Modas

COM a chegada do inverno voltam as peles, e, triunfam cada vez mais. Usam-se as mais lindas peles, que tornam as mulheres formosíssimas, e, que dão um aspeto de verdadeira elegância às «toilettes». Damos um modelo de casaco do maior «chic» da casa



Bendel, uma das mais elegantes de Nova York. Em «baby lamb», é guarnecido com uma maravilhosa gola em raposa «argentée». E' o que os ingleses chamam um casaco de rua. As mangas na última moda são do modelo Victória. Acompanhado dum elegantíssimo chapéu em veludo preto e dum gracioso véu, é dum requintado gosto, e faz uma «toilette» «chic».

Damos também uma «toilette» em veludo preto realçada por uma maravilhosa raposa branca. E' dum gosto finíssimo, este traje, e deve fazer sobressair um tipo de mulher branca e loira.

Damos também um lindo vestido guarnecido a peles. Modelo de Patou, tem uma linha idade-média com a cintura comprida. Em veludo «paysan» é feito em duas cores, castanho medieval e amarelo canário. O casaco sem mangas, guarnecido com largas tiras de raposa, faz nos lembrar as que se usavam nos tempos de François Villon. E' uma deslumbrante «toilette», usada por uma linda mulher. Para a noite a novidade são os vestidos guarnecidos no decote. Quando os vestidos não têm guarnição usam-se com as «bóas» de penas. Hoje vêm as nossas leitoras um vestido em setim cor de rosa com um «collerette» em tule da mesma cor. Nada mais fresco e gracioso para uma rapariguinha nova do que estas galas em tule dum leveza e graça sem igual.

A mulher moderna

EM todos os países mesmo nos mais adiantados e progressivos a mulher editora e livreira é rara. E entre as carreiras privadas e independentes, aquelas que se ligam, com livros, publicações, encadernações, deviam ter um especial atractivo para as mulheres inteligentes e dum espírito cultivado. Há tempo os jornais italianos saudaram com entusiasmo a primeira mulher italiana editora, a «signorina» Lina TEBALDI, que creou e fez prosperar uma livraria modelo em Turim. Ela teve entre outras uma idea genial e simples, para atrair os passantes e leva-los a comprar, atraídos pela «coquette» das suas montras. Apresentava os volumes abertos numa página escolhida. Da rua podia ler-se e os leitores interessados, entravam e compravam. Agora a livraria modelo vai ser editora.

Em França há dez anos, que uma das principais casas editoras é, para substituir a desapareção de um grande livreiro dirigida por uma senhora. A perda do editor Paul Perrin era considerada no mundo das letras como irreparável, os autores ficaram reconhecidissimos à irmã que assumiu corajosamente a direcção dos negócios e continuou a obra do irmão. Há quinze anos que outra mulher que amava os livros se improvisou livreira M.^{lle} Madeleine Berthier, caminhou para uma grande obra a organização dos livros belos, uma espécie de escola superior da livraria, onde aquela que a dirige só oferece ao público livros belos. Há ainda algumas outras livrarias não só com o espírito artístico como esta, mas como espírito comercial muito bem dirigidas por senhoras, que honram assim o espírito da mulher moderna.

Creanças

PARA as creanças tudo é desporto e exercício. Deve-se no entanto fazer com que executem pelo menos três vezes por semana, alguns exercícios de ginástica, dirigida por pessoa competente, que saiba ver o que a cada creança convém. Depois devem ter-se as creanças ao ar livre o mais possível. Isso só tem para elas vantagem, uma vantagem bem fácil de compreender, pois se para os grandes é prejudicial o respirar um ar viciado para as creanças que estão em formação pior é, ainda. Todas as brincadeiras ao ar livre são exercícios, que só as favorecem, fortificando-as e dando-lhes o melhor aspecto de saúde. A higiene e a liberdade de brincar, é melhor para as creanças, que todos os remédios e fortificantes que as mães as obrigam a tomar.

Higiene e beleza

COMEÇAM as nossas leitoras a preocupar-se, com a aproximação do frio, com a beleza das suas mãos. Efectivamente nada torna as mãos feias como a vermelhidão excessiva que algumas mãos tomam ao sentir os primeiros frios. Em geral é a má circulação que provoca esse mal. Devem fazer-se repetidas massagens desde o pulso ás pontas dos dedos, para activar a circulação. As mãos que têm tendência a tornar-se vermelhas devem lavar-se tanto de inverno como de verão, em água quente, a que se adicione álcool canforado e benjoim. Pode aplicar a seguinte pomada: Lanolina, 100 gramas; parafina líquida, 25 gramas; baunilha, 30 gótas; essência de rosa, 1 góta.

Aplica-se de manhã e à noite, e em breve as mãos estão macias e brancas como setim. Há quem use também em vez de sabão, pasta de amêndoas. Dá um esplêndido resultado.

A mulher e o exercício

É indispensável para a mulher o exercício físico, que lhe mantém a saúde e a flexibilidade fazendo-lhe conservar a juventude até ao extremo limite. Entre todos os exercícios um dos melhores e mais saudáveis é o de andar a pé. Damos hoje a fotografia de duas lindas raparigas inglesas, fazendo religiosamente o seu «footing» diário. É este um dos melhores exercícios porque põe em acção todos os músculos. Este e a natação são sem dúvida os dois melhores exercícios, e, os mais práticos de fazer. Claro que se não deve chegar ao extremo de cansar, mas sim, andar metodicamente, todos os dias uma hora. Lisboa não é das cidades agradáveis para andar. As calçadas que se encontram e a falta de parques torna as suas habitantes preguiçosas de andar. Mas, ao menos, subir e descer a Avenida, já é, um exercício, que muito contribuirá para manter a linha elegante e a juventude ás senhoras de Lisboa.

Os reis e os artistas

OS reis e os príncipes têm tido, segundo a história, várias modas de se conduzir deante do cavalete ou do escalpelo.

Desde Carlos V, que se enlevava perante Tiziano, que pintava a sua effigie, para lhe apanhar o pincel que lhe tinha caído da mão, até Leopoldo II da Bélgica, que se re-

voltou sempre contra a reprodução, da sua característica fisionomia, Luiz XV prestava-se a todos os caprichos dos artistas.

O pintor Jef. Leempoels, que há pouco executou o retrato do rei Alberto da Bélgica, diz: «Nunca tive um modelo mais tranquilamente obediente aos desejos do artista e mais



resignado. Nunca tive de pedir-lhe duas vezes para estar quieto. Ao primeiro apêlo ficava imóvel, interdizendo ao seu olhar, aos seus músculos, aos seus nervos o mínimo movimento, tornava-se uma estátua de bronze.

O escultor Carlos Samuel, que executou em



1907 o busto da rainha Isabel, então princesa herdeira, disse: «A princesa foi para mim um modelo tão perfeito, como seu marido o foi para o pintor Leempoels. Não fazia dificuldades. No número e na duração das «poses». Conversava de boa vontade, com uma encantadora simplicidade e espontaneidade. Estava imóvel, quando era preciso. O seu rosto era iluminado pelo amor materno era sempre acompanhada pelo filho mais velho, então pequenino, que adorava sua mãe, e não desprendia nunca os olhos dela». Os artistas pelo seu valor, pelo seu talento, impõe-se aos reis como a todos, porque a Arte é uma coisa tão sublime, que torna aqueles que a cultivam com génio ou com talento, eguaes aos maiores da terra.

E isto em todos os tempos, porque se assim não fôsse, não seria possível que Luiz XV tão cioso do seu poder e da sua situação se dobrassem aos caprichos dos artistas, sobretudo de Latour que levou as suas extravagâncias ao limite das conveniências. A Arte é soberana de todos os tempos.

A religião na Rússia

PARA que uma igreja fique aberta na Rússia dos Sovietes, é preciso que todos os anos vinte adultos, assinem um explicito requerimento. As suas assinaturas tornam-nos responsáveis pela manutenção da igreja e pelas despesas do culto e sujeitam-nos a enormes impostos. Se um dêles morre ou muda de residência, é necessário, que outro o substitua, senão a igreja fecha. Estas vinte pessoas são responsáveis por tudo o que a igreja contém, que é inventariado pelo Estado. Se um ladrão faz mão baixa nos objectos do culto, os vinte são inculcados por furto. Para mais, pelo simples facto de crerem em Deus, o que confirmaram com a sua assinatura, tornaram-se suspeitos, e, a policia tem-nos debaixo de olho e, não lhes faltará um dia a deportação ou os trabalhos forçados. Mas se houver em face dos vinte heroicos signatários, outros vinte instigados pelos sovietes locais, que peçam para a igreja ser destinada para sede de qualquer clube ateu, têm a preferência. Em tal caso as assinaturas podem ser de menores. É a liberdade de pensamento de regimes extremamente avançados!

A mulher nos hotéis

A Universidade Americana de Cornell vê todos os anos aumentar o número de estudantes, que seguem os cursos da Secção hoteleira. Mas o desejo de oferecer aos hospedes um tratamento familiar, leva os hoteleiros a procurar a mão de obra feminina. Os grandes hotéis possuem já serviços especiais para rapazes como telefonistas e elevador, mas agora procuram ser damas de companhia para meninas, enfermeiras para os doentes e outro pessoal feminino para organização de bibliotecas. Um emprêgo que requer facilidades especiais é a de directora de alojamentos. De facto é responsável não só pelos quartos e aposentos privados como também pela parte pública dos hotéis. Superintende sobre todo o pessoal feminino, criadas, roupeiras, etc. A importância de uma directora dos trabalhos femininos, num hotel é imenso e basta indicar um pequeno por-

menor, para que todas as senhoras o compreendam. Num grande hotel americano não há nunca menos de vinte e cinco mil duzias de toalhas e, todo o resto é em proporção. Que vigilância não é preciso dispendir!

Receitas de cosinha

Costeletas de carneiro, burguesa: — Passar rapidamente em manteiga costeletas de carneiro, limpas e preparadas. Durante esse tempo descascar e cortar às rodas finas, batatas e cebôlas, passá-las em manteiga, sal e



pimenta, untar com manteiga um prato de ir forno. Pôr uma boa camada de batatas e cebôlas, em cima colocar as costeletas, tapar os buracos com batatas; deitar-lhe um bom molho tapar com um picado de «champignons» (cogumelos) miúdo de pão passado em manteiga, e fazer coser num forno brando.

Alcachofras: — Escolher alcachofras pequenas tirar as primeiras folhas e cortar as pontas às outras. Arrumá-las numa caçarola, com o fundo para baixo regá-las com azeite e sumo de limão, juntar sal, pimenta e um ramo de salsa pôr ao lume e logo que comece a ferver tapar a caçarola e deixar coser bem; o molho deve ficar reduzido a metade. Pôr numa travessa as alcachofas cortadas ao meio e cubri-las com o molho.

Carne com espargos. — Ferver-se em água e sal meio quilo de vitela, juntamente com uma cebôla, cenouras, nabos e toda a classe de hortaliças. Separadamente fervem-se os espargos partidos em pedacinhos, e, depois de fervidos juntam-se à carne com a manteiga necessária.

Deixa-se que tudo junto ferva um bocado, e tira-se do lume. Quando a carne estiver cozida, deita-se uma colherada de farinha, que tenha sido previamente alourada em manteiga. Vai de novo ao lume. Em seguida batem-se

duas gêmas de ovo, ligam-se com o molho da carne dá-se-lhe umas voltas junta-se tudo, e, pode servir-se. É um prato muito fino e de um paladar delicioso, que varia muito a maneira de servir a vitela. Uma verdadeira dona de casa tem de cuidar da variedade das ementas.

De mulher para mulher

Julieta: Veludo e peles, é sempre uma bonita combinação. Em castanho, como diz, fica uma «toilette» lindíssima. O chapéu deve ser em veludo. É a última moda deste inverno.

Desiludida: Começa cedo a ter desilusões, mas é melhor assim, porque compreenderá a vida, e, saberá tirar dela o melhor partido. Só começamos a viver depois das primeiras desilusões. Distraia-se, passeie, procure qualquer coisa a fazer, que lhe ocupe o espírito, e, verá como de aqui a pouco torna a achar, que é encantador viver.

Graciosa: Está bem que seja «coquette» mas tudo tem limites e nunca devemos exagerar. Não abuse portanto do «flirt» como me diz que faz, para não ter essas razões de queixa, que concorde só ao seu feitio deve.

Mãe cuidadosa: Isso depende da constituição da criança. Há crianças, que não são friorentas e podem andar no inverno com a mesma roupa, que no verão. Outras há, para quem isso seria impossível. Experimente.

O cabelo

EM Inglaterra as raparigas possuem as mais lindas cabeleiras, que se podem sonhar. Cabelos de um tom maravilhoso, flexíveis, brilhantes, sedosos, vêm-se em quasi todas as mulheres. É atribuída esta beleza dos cabelos das inglesas, ao habito que têm de os escovar. Não há uma inglesa que se deite, sem ter escovado cuidadosamente o seu cabelo. Na verdade compreende-se que isso seja de grande utilidade e higiene. O cabelo de dia apanha poeira e fica sujo. Com a escova tudo isso é removido. Além disso a fricção, que a escova fez no coiro cabeludo faz um bem enorme ao cabelo, evitando a sua queda e fazendo com que nasça sempre



cabelo novo. Aí fica a sugestão para as nossas leitoras, quem quiser ter um lindo cabelo, escova o cuidadosamente todas as noites ou todas as manhãs. Nada mais fácil de fazer.

Interior moderno

É preciso sermos da nossa época e arranjar nas casas um ambiente que não seja rebarbativo, nem antiquado. O estilo moderno é confortável e higiénico, móveis simples e cómodos, fáceis de limpar e graciosos. Damos hoje a gravura de um artístico interior moderno. A sala de estar de Mr. Marc de Nicolas de Plantier, decorada por ele, é em Paris uma das mais bonitas. A mesa em cristal e metal, o «divan» e as cadeiras lacadas de branco e estofadas em veludo cor de coral, as paredes em «beije» pálido e o teto azulado, fazem uma encantadora moldura à paisagem do apainelado, pintada por Raymond Fauchet, o conhecido pintor, que se tem salientado na pintura decorativa. O «appartement» de Mr. de Plantier é um dos mais elegantemente modernos da cidade da luz e prova-nos à evidência que a decoração moderna é de um gosto delicado e fino, quando é aproveitado por um espírito de artista.

Conselhos úteis

Para tirar nódoas de café nas fazendas claras, há um meio muito prático e de fácil realização, e, que consiste apenas em lavar a parte manchada com clara de ovo batida, com uma pequena quantidade de água morna, a que se adicionam umas gotas de álcool. Assim que a nódoa tiver desaparecido, deve secar-se a parte molhada com um pedaço de flanela branca.

Um sinapismo de mostarda feito em uma clara de ovo não faz empo-la na pele.

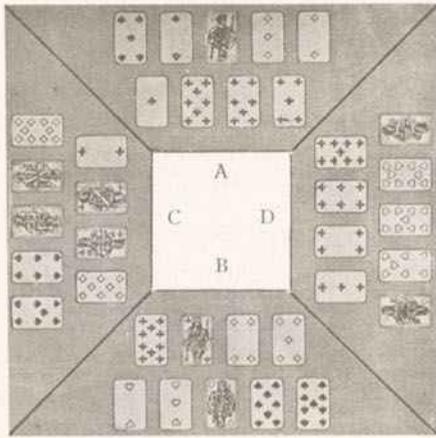
Pensamento

A natureza é o melhor livro, que se póde folhear, e o que mais ensinamentos contém. — Goethe.



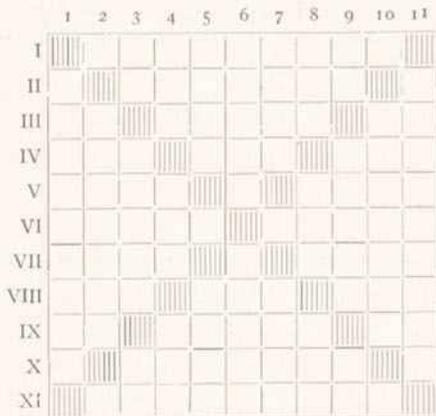
BRIDGE

(Problema)



Trunfo é espadas; B, sendo mão, faz oito das nove vasas.

PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais:

I — Perto da Rocha Tarpeia. II — Comem-se em salada. III — Prefixo — A sua baixa aumenta a crise — De este lado. IV — Está de cama — Ouve-se — Na palavra camelo. V — Estimar muito — Diminutivo francês de nome masculino. VI — Dão-se de presente a vivos e mortos — Cantam amores e guerras. VII — Uma das fases de qualquer exame — O peor é quando é roto. VIII — Do nome Tasso — Mania nervosa — Provém do mar. IX — Do verbo ser — Do verbo ir — Apelido. X — Não são honestos. XI — Às vezes apertam o pescoço.

Verticais:

1 — Há-os nos teatros. 2 — Reunem os políticos e servem nos automóveis. 3 — Respira-se — Atascam — No moinho. 4 — Suplício chinês — Lista — Entre dois montes. 5 — Pássaro alto de pernas — Desconta-se no preço do género. 6 — Às vezes é a da salvação — Colónia portuguesa. 7 — Na palavra honradez — Perfumista francês da moda. 8 — Elogio — Batráquiões — Ouve-se. 9 — Vila francesa à qual uma opereta achou um rei — Referências a opiniões autorizadas — Abreviação de moeda inglesa. 10 — Nas toiradas estão na arena e entre o público. 11 — Vestem-se quando há frio.

PENSAMENTO

A vida é um fio que Deus segura pelas duas pontas, mas no qual o diabo dá nós. — *Daucourt.*

FIM DE FESTA

ANEDOTA

— Papá! Euclides era homem de palavra?
— A história não diz nada a êsse respeito, meu filho. Mas porque perguntas isso?
— Porque se êle fosse homem de palavra, podíamos acreditar o que diz, sem precisarmos aprender as suas demonstrações.

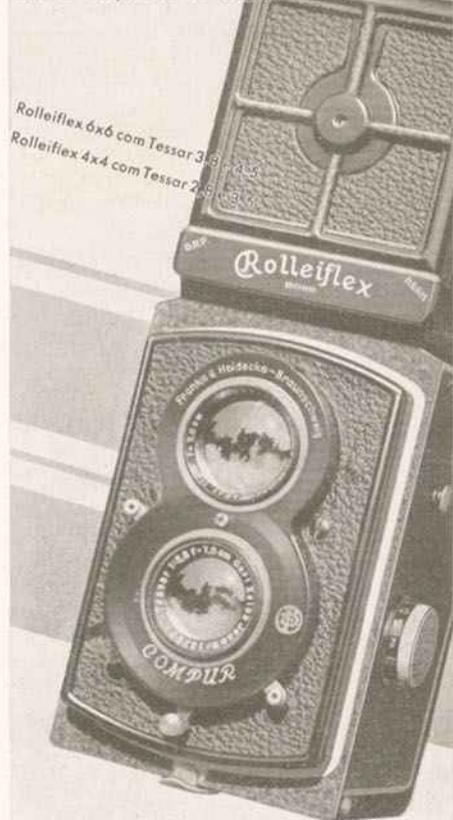
CONTRÔLE SIMULTANEO

de tamanho, nitidez, efeito, diafragma e velocidade antes e durante a exposição com a maquina pronta a funcionar:

É o que vos oferece o novo

Rolleiflex automático 6x6

Contrôle de nitidez directamente pelo vidro despolido, quer dizer com a maior rapidez e segurança!

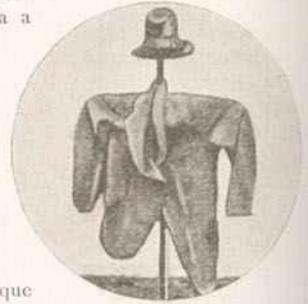


Rolleiflex 6x6 com Tessar 3,5 - 4,5
Rolleiflex 4x4 com Tessar 2,8 - 4

Vende-se nas casas de artigos fotograficos
Peça-se o catalogo B140 da fabrica
FRANKE & HEIDECKE • BRAUNSCHWEIG

QUAL A ORIGEM DOS ESPANTALHOS?

O espantalho não se inventou para espantar os passaros. Segundo os antiquários, teve uma origem muito mais trágica, estando ligado àquelas negras épocas em que toda a empresa era acompanhada de sacrificios humanos.



Quando se lançava ao mar um navio era sacrificada uma vida (o que hoje se simbolisa, quebrando uma garrafa de vinho); quando se principiava a construir um edificio, igualmente se sacrificava uma vida (sacrificio êsse, hoje simbolizado pelo lançamento da primeira pedra). Assim o lavrador, ansioso por apaziguar os deuses dos elementos e por conseguir boas colheitas fazia também o seu sacrificio. O hábito dos sacrificios humanos foi gradualmente acabando, mas o lavrador continuou a obedecer à velha superstição colocando nos seus campos a effigie do ser humano que dantes era sacrificada.

XADREZ

(Solução)

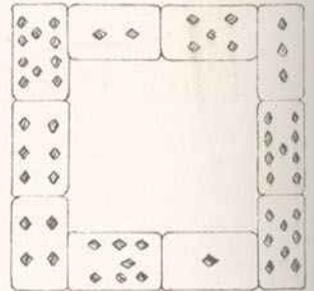
- 1. TRXC+
- 1. TXT
- 2. T2BD+
- 2. RXT++

As pretas são forçadas pelas brancas a dar mate sem que nenhum dos seus piões conseguisse fazer dama.

O CAIXILHO DE CARTAS

Aqui está um passatempo fácil, com cartas de jogar. Ver-se-á, no exemplo que apresentamos, que

tôdas as cartas do m e s o naipes, de ás até dez estão dispostas de tal forma que o número de pontos de cada lado soma 20.



Poderão os nossos leitores colocar as mesmas cartas numa disposição semelhante mas somando os pontos de cada lado 22?



O magnate: — Sinto não lhe poder oferecer um charuto, Casimiro. Mas só tenho o que estou fumando e outro que vou fumar a seguir a este.

(Do Humoristle).

COLECÇÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO

Esc. 7\$00

P. B.VOLUME
ENCADERNADO

Esc. 12\$00

Romances morais próprios para senhoras e meninas

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seduções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da vida. Em volta dum testamento. Pequena rainha. Dívida de honra. Casa de Família. Entre espinhos e Flôres. A estátua velada. O grito da consciência. Romance de uma herdeira. Pedras vivas. A pupila do Coronel. O segredo de um berço.

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
 N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
 N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
 N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
 N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
 N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
 N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
 N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
 N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
 N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — **Recreativo, Ameno, Instrutivo** — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 441
gravuras, cartonado

10\$00

Encadernado luxuosamente

18\$00**34.º — ANO — 1933****Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

BIBLIA DA VIDA

Tesouro do pensamento humano

COLLECCÃO DE 10.000 MÁXIMAS, PENSAMENTOS E SENTENÇAS COLHIDAS NAS OBRAS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Por **Morais Leal**

446 assuntos — 1361 autores — Por ordem alfabética

Este livro, que se apresenta despoído de pretensões, procura preencher apenas uma lacuna que, no nosso meio literário, era há muito sentida.

Em todas as línguas cultas existem obras similares, e o apreço em que o público as tem, pode avaliar-se facilmente pelo número das edições, que rapidamente se esgotam, dando lugar a outras sucessivas e sempre melhoradas. Poderíamos citar dezenas de títulos dos livros no género do nosso, que figuram nos catálogos das melhores livrarias estrangeiras, se o nosso intuito fôsse reforçar, por uma curiosa e bem organizada resenha bibliográfica, o que afirmamos e supomos inútil comprovar, sabido como é de todos os que acompanham dia a dia o movimento editorial dos centros de maior expansão literária.

Na BÍBLIA DA VIDA, a selecção dos pensamentos, máximas e sentenças colhidas dos melhores autores antigos e modernos foi feita com o maior escrupulo, observando-se nela o conselho de Thomereau: *o pensamento de três linhas, que não deixar no espirito a impressão de que poderia consagrar-se-lhe um capítulo, carece de valor.*

Obra preciosa para todos os que fazem da pena profissão, julgamo-la também interessantíssima para os que apreciam as boas letras, e tão digna de enfileirar na estante dos eruditos ao lado dos melhores clássicos, como numa escolhida biblioteca feminina a par dos livros que mais encantam o espirito da mulher.

Com este livro o menos culto brilha nas suas conversações

1 GR. VOL. DE 529 PÁGS. ELEGANTEMENTE ENC. 17\$00; BR. 12\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos *para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocipedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata*

1 volume de 300 páginas, brochado . . . 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a nova edição

A CATEDRAL

Por **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais notáveis livros da literatura romantica contemporânea em toda a Europa

1 volume de 338 pags., brochado . . . 10\$00
encadernado . 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

Por **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

Por **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . 10\$00
encadernado . 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR ou O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Saía a nova edição

CARTAS

de
ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espírito

POR
G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espírito, a falta de memória, etc., segundo os experimentados doutores *Haig, Cantani e Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, 7\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Por **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fez o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortegar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos completos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS À S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80—LISBOA

Manual do Condutor de Automóveis

2.ª EDIÇÃO ACTUALIZADA

Aos condutores de automóveis recomenda-se este manual como imprescindível para a sua educação profissional, pois contém a

Descrição do aparelho motor, motores e seu funcionamento, lubrificação, carburação, alimentação de gasolina, arrefecimento do motor, princípios de electricidade e inflamação. Órgãos auxiliares, transmissão, arranque, leito, molas, eixos, direcção, rodas, pneumáticos, camaras de ar e iluminação. Caixas de carros e seus acessórios, aparelhos de alarme. Condução e avarias. Tipos de automóveis, leitos (chassis), caminhões, motocicletas. Garage, conservação e reparação, indicações úteis, tabelas, legislação, etc., etc., por

António Augusto Mendonça Teixeira

Um volume de 670 páginas, encadernado em percalina
Escudos 25\$00

Pedidos aos Editores: **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A' venda a 2.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado . . 12\$00

Encadernado 16\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo, com 90 grandes ilustrações de Bordallo Pinheiro, reproduzidas pela photogravura, além d'outras inseridas no texto. Impressão a preto e cores sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

À VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

a 7.^a edição, revista

O último olhar de Jesus

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 375 págs., brochado . . . **12\$00**
Encadernado **16\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Saiu a nova edição

**ESTUDOS SOBRE
O CASAMENTO CIVIL**

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 paginas | brochado 10\$00
| encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

**DICIONÁRIO
DO**

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do Dr. Salazar Carreira



Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com
cêrca de 100 págs. 7\$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.º — Lisboa —

**SE QUERES VIVER,
DESPERTA E LUTA!**

ARTE DE REVIGORAR
A ALMA E O CORPO

POR

ELICK MORN

1 VOLUME DE 268 PÁGINAS, BROCHADO, **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'êste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulheres.
— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

A' venda a 3.^a edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

1 vol. de 356 páginas { brochado . . . **12\$00**
encadernado . **16\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73 Rua Garrett, 75—LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1. ^a edição), 1 vol. br.	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5. ^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (2. ^a ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2. ^a edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4. ^a ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2. ^a edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5. ^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2. ^a edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3. ^a edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2. ^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10. ^a edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3. ^a edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4. ^a edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3. ^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OU À **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA



AO ACORDAR

QUANDO se levanta está V. Ex.^a alegre ou triste? Tem disposição para passar um dia feliz depois de uma noite de sono socegado, ou tem os seus nervos exaustos devido às horas de insónia durante uma noite?

Para assegurar um sono tranquilo, tome sempre, antes de se deitar uma chavena da deliciosa "Ovomaltine"

Não ha nada melhor, alimento mais completo para lhe permitir um sono reparador, dando-lhe a necessaria energia aos seus nervos, e conservando-lhe a sua boa disposição.

OVOMALTINE

é a saúde

DR. A. WANDER, S. A. — BERNE

A venda em latas de 110, 250 e 500 gr., respectivamente aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

Unicos concessionarios para Portugal
ALVES & C.^a (IRMAOS)
Rua dos Correios, 41, 2.^o — LISBOA

